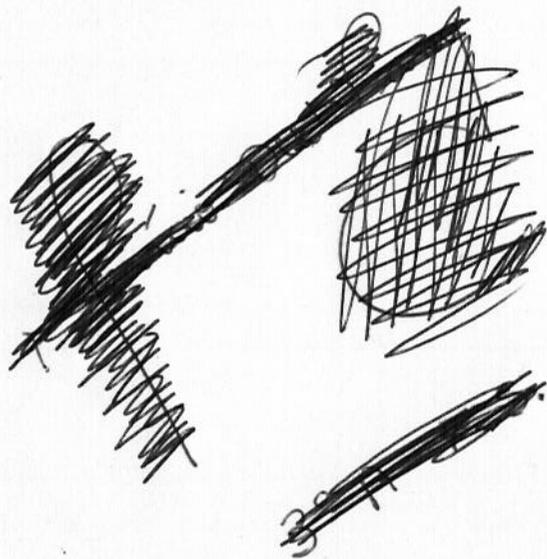


53 pg.



O vôo sobre o oceano

Peça didática radiofônica para
rapazes e moças

Der Ozeanflug
Radiolehrstück für Knaben und Mädchen

Escrito em 1928/29
Estréia: 27.7.1929 em Baden-Baden

Tradução: Fernando Peixoto

1

APELO GERAL

RÁDIO — A coletividade pede a vocês: repitam
A primeira travessia aérea do oceano.
Todos juntos
Cantem as canções
E juntos leiam o texto.
Aqui está o aparelho.
Suba nele.
Lá na Europa estão à sua espera.
A fama lhe acena.

OS AVIADORES — Eu subo no aparelho.

2

OS JORNAIS AMERICANOS CELEBRAM A IMPRUDÊNCIA DOS AVIADORES

AMÉRICA (RÁDIO) — É verdade, como dizem, que você levava
Somente um chapéu de palha e também
Que você subiu no avião como um louco? Numa
Lata velha você quer
Atravessar voando o Atlântico?
Sem um acompanhante para orientá-lo,
Sem bússola e sem água?

3

APRESENTAÇÃO DOS AVIADORES E PARTIDA DOS MESMOS DE NEW YORK PARA A EUROPA

OS AVIADORES — Meu nome não interessa,
Tenho 25 anos.
Meu avô era sueco,
Eu sou americano.

Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

Meu aparelho, fui eu mesmo que escolhi.
Ele voa a 210 km por hora,
Seu nome é "Espírito de São Luís".
As fábricas de aviões Ryan de San Diego
Construíram-no em 60 dias. Eu estive lá
60 dias; e durante 60 dias tracei,
Nas cartas terrestres e marítimas,
A rota do meu vôo.
Vôo sozinho.
Em lugar de outro homem, levo mais gasolina comigo.
Eu vôo num aparelho sem rádio.
Eu vôo com a melhor bússola.
3 dias fiquei esperando pelo melhor tempo,
Mas os relatórios dos observatórios
Não são bons e vão piorar:
Nevoeiro sobre a costa e tempestade sobre o mar.
Mas agora não quero mais esperar.
Agora eu vou embarcar.

Eu arrisco.
Eu levo comigo:
2 lâmpadas elétricas
1 rolo de corda
1 rolo de barbante
1 facão de caça
4 tochas vermelhas fechadas em tubos de borracha
1 caixa impermeável com palitos de fósforo
1 agulha grande
1 caneca grande e 1 cantil com água
5 rações de emergência, conservas do Exército america-
no, cada uma para um dia. Em caso de necessidade,
para mais.
1 enxada
1 serra
1 barco de borracha.

Agora levanto vôo.
Há vinte anos o homem Blériot
Foi homenageado porque
Sobrevoou 30 miseráveis quilômetros
De água salgada.
Eu atravesso
3.000.

4

A CIDADE DE NEW YORK INTERROGA OS NAVIOS

A CIDADE DE NEW YORK (RÁDIO) — Aqui fala a cidade de
New York:

Hoje de manhã às 8 horas
Um homem decolou daqui
Sobrevoando as águas em direção
Ao vosso continente.
Já está viajando há sete horas.
Dele não temos sinal algum,
E pedimos
Aos navios que nos informem
Se o avistarem.

Os AVIADORES — Se eu não chegar,
Nunca mais me verão.

O NAVIO (RÁDIO) — Aqui fala o navio "Imperatriz da Es-
cécia".

49 graus e 24 minutos de latitude norte e 34 graus e 78
minutos de longitude oeste.

Há pouco ouvimos no céu,
Acima de nós,

O ruído de um motor
A grande altitude.

Por causa do nevoeiro
Não conseguimos ver nada,

Mas é bem possível que
Tenha sido o homem que vocês procuram,
Com seu aparelho,
O "Espírito de São Luís".

Os AVIADORES — Nenhum navio à vista, e
Agora vem o nevoeiro.

5

DURANTE QUASE TODA A DURAÇÃO DO VÔO, OS AVIADORES TÊM QUE LUTAR CONTRA O NEVOEIRO

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Eu sou o nevoeiro, e deve contar
comigo
Todo aquele que viaja sobre as águas.
1.000 anos e nunca se viu
Quem pretendesse atravessar os ares!
Afim, quem é você?
Mas nós cuidaremos
Para que, de agora em diante, ninguém mais torne a voar
por aí!
Eu sou o nevoeiro.
Retorne!

Os AVIADORES — Isso que você disse
Deverá ser levado em consideração.
Se você se tornar mais denso, talvez
Realmente eu retorne.
Se não houver perspectiva,
Não continuarei lutando.
Ser coroado ou terminar coberto de coroas
Para mim não é alternativa.
Mas por enquanto
Não volto atrás.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Você ainda se sente confiante, por-
que
Não me conhece;

170

Agora você ainda vê um pouco de água lá embaixo
E sabe

Distinguir a direita da esquerda.

Mas aguarde ainda uma noite e um dia

Sem conseguir ver céu nem água,

Nem enxergar seu leme

Nem mesmo a sua bússola.

Envelheça e, então,

Saberá quem eu sou:

Eu sou o nevoeiro!

Os AVIADORES — Sete homens em San Diego construíram
meu aparelho,
Trabalhando, muitas vezes, 24 horas sem parar,
Empregando alguns metros de tubos de aço.
O que eles fizeram deve me bastar.
Eles trabalharam, eu
Continuo o trabalho deles. Não estou sozinho, somos
Oito voando neste avião.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Você agora está com 25 anos e
Não tem muito medo. Mas quando estiver com
25 anos mais um dia e uma noite,
Terá mais medo.
Depois de amanhã e nos próximos 1.000 anos
Aqui ainda existirá água, ar e nevoeiro.
Mas você
Não mais existirá.

Os AVIADORES — Até agora era dia, mas agora
A noite está chegando.

O NEVOEIRO (RÁDIO) — Faz 10 horas que eu luto contra um
homem
Que atravessa os ares, coisa que nestes 1.000 anos
Ninguém havia visto. Não consigo
Derrubá-lo.
Encarregue-se você dele, nevasca!

171

Os AVIADORES — Agora vem você,
Nevasca!

6

NAQUELA NOITE CAIU UMA NEVASCA

A NEVASCA (RÁDIO) — Há uma hora que tenho dentro de
mim

Um homem e seu aparelho!

Ora no alto, acima de mim,

Ora embaixo, próximo à água!

Já faz uma hora que o arremesso

Contra a água e contra o céu.

Ele não consegue se segurar em nada, mas

Não cai.

Ele despenca para cima

E sobe para baixo,

Ele é mais frágil do que uma árvore a beira-mar,

Fraco como uma folha sem haste, mas

Não cai.

Há horas este homem não vê a lua

Nem mesmo sua própria mão, mas

Não cai.

Cobri de gelo seu aparelho

Para que ficasse pesado e o forçasse para baixo.

Mas o gelo desliza do avião e

Ele não cai.

Os AVIADORES — Não dá mais,

Logo vou cair na água.

Quem poderia imaginar que

Aqui ainda há gelo!

Já estive a três mil metros de altura e desci a

3 metros do nível da água,

Mas em toda parte há tempestade, gelo e nevoeiro.

Por que fui louco de subir?

Agora tenho medo de morrer,

Agora vou cair.

4 dias antes de mim, dois homens

Sobrevoaram as águas como eu.

E as águas os tragaram, e a mim também

Tragarão.

7

SONO

O SONO (RÁDIO) — Durma, Charlie,

A noite pavorosa

Já passou. A tempestade

Cessou. Durma, então, Charlie,

Que o vento o conduzirá.

Os AVIADORES — O vento não faz nada por mim,

A água e o ar me são hostis, e eu

Sou seu inimigo.

O SONO (RÁDIO) — Incline seu corpo só por um minuto

Sobre o leme, feche os olhos só um pouco;

Sua mão permanecerá alerta.

Os AVIADORES — Trabalhando, muitas vezes, 24 horas sem
parar,

Meus companheiros de San Diego

Construíram este aparelho. Que eu não seja

Pior do que eles. Eu

Não devo dormir.

O SONO (RÁDIO) — Ainda está longe. Descanse

Pensando nos campos do Missouri,

No rio e na casa,

Onde é o seu lar.

Os AVIADORES — Não estou cansado.

IDEOLOGIA

OS AVIADORES

1

Muitos dizem que os tempos são velhos,
 Mas eu sempre soube que vivemos num tempo novo.
 Eu lhes digo: não é à toa
 Que há 20 anos surgem casas da terra como montanhas
 de aço.
 A cada ano muitos partem para as cidades como se es-
 perassem algo,
 E através dos continentes sorridentes
 Corre a notícia: o imenso e temível oceano
 Não passa de um pequeno lago.
 Agora sou o primeiro a sobrevoar o Atlântico,
 Mas estou convencido: amanhã mesmo
 Vocês rirão do meu vôo.

2

Mas esta é uma batalha contra o que é primitivo
 E um esforço para melhorar o planeta,
 Semelhante à economia dialética
 Que transformará o mundo desde sua base.
 Portanto
 Lutemos contra a Natureza
 Até nos tornarmos naturais.
 Nós e nossa técnica ainda não somos naturais.
 Nós e nossa técnica
 Somos primitivos.
 Os navios a vapor rivalizaram com os veleiros,
 Que, por sua vez, haviam deixado os barcos a remo
 para trás.
 Eu
 Vôo para rivalizar com os navios a vapor
 Na luta contra o que é primitivo.

Meu avião, frágil e trêmulo,
 Meus aparelhos cheios de falhas,
 São melhores que os de antes, e
 Enquanto vôo
 Luto contra o meu avião e
 Contra o que é primitivo.

3

Portanto luto contra a Natureza e
 Contra mim mesmo.
 Seja lá o que eu for, acredite nas tolices que acreditar,
 Quando vôo, eu sou
 Um verdadeiro ateu.
 Por 10 mil anos, lá
 Onde as águas se tornavam escuras no céu,
 Entre a luz e o crepúsculo, incontido, surgia
 Deus. E da mesma forma,
 Sobre as montanhas de onde vinha o gelo,
 Os ignorantes incorrigíveis avistavam
 Deus. E da mesma forma,
 No deserto, ele vinha nas tempestades de areia, e,
 Nas cidades, ele era gerado da desordem
 Das classes sociais, pois a humanidade se divide em duas:
 Exploração e Ignorância, mas
 A Revolução liquida com ele.
 Abram estradas através das montanhas, e ele desapa-
 recerá.
 Os rios o expulsarão do deserto. A luz
 Mostrará o vazio e
 O espantará de imediato.
 Portanto participem
 Da luta contra o que é primitivo,
 Da liquidação do além e
 Da expulsão de todo e qualquer deus, onde quer que
 Ele surja.
 Sob os microscópios mais precisos

Ele cairá.
Os aperfeiçoados aparelhos
O expulsarão dos ares.
O saneamento das cidades,
O extermínio da miséria,
Farão com que ele desapareça e
O enxotarão de volta ao primeiro milênio.

4

Mesmo nas cidades melhoradas
Ainda prevalece a desordem,
Que nasce da ignorância e se parece com Deus.
Porém as máquinas e os operários a
Combaterão. E vocês também
Devem participar
Da luta contra o que é primitivo!

9

ÁGUA

Os AVIADORES — Agora,
A água novamente se aproxima.

Barulho de água (Rádio).

Os AVIADORES — Preciso
Ganhar altura! Como este vento
Faz pressão!

Barulho de água (Rádio).

Os AVIADORES — Agora está melhor.
Mas o que é isso? O leme
Não quer mais funcionar. Alguma coisa
Não está certa. Isso não é
Um ruído no motor? Agora
Já estamos caindo de novo.
Socorro!

176

Barulho de água (Rádio).

Os AVIADORES — Meus Deus! Por pouco
Não nos acabamos!

10

DURANTE TODO O VÔO OS JORNAIS AMERICANOS NÃO CES-
SAVAM DE FALAR SOBRE A SORTE DOS AVIADORES

AMÉRICA (RÁDIO) — Toda a América acredita que o vôo so-
bre o oceano

Do capitão Fulano de Tal será bem-sucedido.

Apesar dos maus boletins meteorológicos e

Do estado precário de seu frágil avião,

Todo mundo nos Estados Unidos acredita

Que ele chegará.

Jamais, escreve um jornal, imaginamos

Que um homem de nosso país

Tivesse tanta sorte.

Quando aquele que tem sorte sobrevoa o mar,

As tempestades se retraem,

Se as tempestades não se retraem

O motor agüenta.

Se o motor não agüenta,

O homem agüenta.

E se o homem não agüenta,

A sorte agüenta.

Por isso nós acreditamos

Que o homem de sorte chegará.

11

OS PENSAMENTOS DOS HOMENS DE SORTE

Os AVIADORES — Dois continentes, dois continentes
Esperam por mim! Eu

177

Preciso chegar!
Quem espera alguém?
É mesmo aquele que ninguém espera
Precisa chegar.
A coragem não é nada, mas
Chegar é tudo.
Quem sobrevoa o mar
E se afoga
É completamente louco, pois
No mar a gente se afoga.
Portanto eu preciso chegar.
O vento força para baixo e
O nevoeiro desorienta, mas
Eu preciso chegar.
É verdade que meu aparelho
É frágil, e frágil é
Minha cabeça, mas,
Do outro lado, eles me esperam e dizem:
Este chegará, e por isso
Eu preciso chegar.

12

ASSIM VOAM ELES, ESCREVIAM OS JORNAIS FRANCESES; POR CIMA AS TEMPESTADES, AO REDOR, O MAR, E EMBAIXO, A SOMBRA DE NUNGESSER

EUROPA (RÁDIO) — Em direção ao nosso continente,
Há mais de 24 horas,
Um homem voa.
Quando ele chegar
Um ponto aparecerá no céu,
Aumentará de tamanho e
Será um avião e
Descerá e
Pelo campo virá um homem e

O reconheceremos
Pela foto nos jornais, que
Aqui chegaram antes dele.
Mas receamos que
Ele não chegue. As tempestades
O lançarão ao mar,
Seu motor não agüentará,
Ele mesmo não encontrará o caminho até nós.
Por isso acreditamos
Que não o veremos.

13

O DIÁLOGO DOS AVIADORES COM O MOTOR

Motor em funcionamento (Rádio).

Os AVIADORES — Agora já não está mais longe. Agora
Temos que juntar nossas forças,
Nós dois.
Você tem óleo suficiente?
Você acha que a gasolina lhe basta?
A refrigeração está funcionando?
Você está se sentindo bem?

Motor em funcionamento (Rádio).

Os AVIADORES — O gelo que lhe pesava
Já se foi todo.
O nevoeiro é assunto meu.
Você faz seu trabalho,
Que é só girar.

Motor em funcionamento (Rádio).

Os AVIADORES — Lembre-se: em São Luís nós dois
Estivemos mais tempo no ar.
Não está mais tão longe. Agora vem
A Irlanda, depois vem Paris.

Conseguiremos?
Nós dois?

Motor em funcionamento (Rádio).

14

FINALMENTE, PERTO DA ESCÓCIA, OS AVIADORES AVISTAM
PESCADORES

Os AVIADORES — Lá
Estão barcos de pesca.
Eles sabem
Onde fica a ilha.
Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

Os PESCADORES (RÁDIO) — Estão chamando.
Escute!
O que é que estaria chamando?
Escute, o barulho!
No ar
Alguma coisa faz barulho!
O que é que estaria fazendo esse barulho?

Os AVIADORES — Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

Os PESCADORES (RÁDIO) — Olha lá
Uma dessas coisas que voam!
É um avião!
Como pode ser um avião?
Nunca
Uma coisa dessas, feita de cordas,
Farrapos de lona e aço,
Poderia sobrevoar as águas!
Nem mesmo um louco
Embarcaria nisso.
Simplesmente

180

Cairia na água;
O próprio vento
Acabaria com ele. E qual o homem que
Se manteria tanto tempo no comando?

Os AVIADORES — Alô! Onde
Fica a Inglaterra?

Os PESCADORES (RÁDIO) — Mas pelo menos olhe!
Para que olhar, se
Uma coisa dessas é impossível?
Agora sumiu.
Também não sei
Como é possível.
Mas foi.

15

NA NOITE DE 21 DE MAIO DE 1927, ÀS 22 HORAS, UMA IMENSA MULTIDÃO ESPERAVA OS AVIADORES AMERICANOS NO AEROPORTO "LE BOURGET", PERTO DE PARIS

EUROPA (RÁDIO) — Ele está chegando!

Um ponto aparece
No céu.
Está crescendo. É
Um avião.
Agora desce.
Pelo campo vem
Um homem. E agora
Nós o reconhecemos: é
O aviador.
A tempestade não o tragou
Nem a água.
Seu motor agüentou, e ele
Encontrou o caminho até nós.
Ele chegou.

181

16

CHEGADA DOS AVIADORES AO AEROPORTO "LE BOURGET",
PERTO DE PARIS

Rumores de uma grande multidão (Rádio).

Os AVIADORES — Eu sou Fulano de Tal. Por favor, levem-me
Para um hangar escuro, onde
Ninguém possa ver
Minha fraqueza natural.
Mas comuniquem aos meus camaradas da fábrica Ryan
de San Diego
Que seu trabalho foi bom.
Nosso motor agüentou,
O trabalho deles não teve falhas.

17

RELATÓRIO SOBRE O QUE AINDA NÃO FOI ALCANÇADO

RÁDIO E AVIADORES — No tempo em que a humanidade
Começava a se conhecer,
Nós construímos veículos
Com madeira, ferro e vidro,
E atravessamos os ares voando.
Por sinal, a uma velocidade
Superior em mais do dobro à do furacão.
E na verdade nossos motores eram
Mais fortes que cem cavalos, mas
Menores que cada um deles.
Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer indício

182

De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas nós nos erguemos.
Próximo ao fim do 3.º milênio de nossa era
Ergue-se nossa
Ingenuidade de aço,
Mostrando o que é possível
Sem nos deixar esquecer:
O que ainda não foi alcançado.
A isto é dedicado este relato.

183

NOTA SOBRE O VÔO SOBRE O OCEANO

No caderno I dos *Versuche* (Ensaio), escreveu Brecht: "O vôo sobre o oceano (para o qual existem músicas de Paul Hindemith e Kurt Weill), peça didática radiofônica para rapazes e moças e não a narração da travessia do Atlântico num avião, representa também uma tentativa inédita de utilização dos recursos do rádio: usar a poesia como matéria para exercícios didáticos. Esta não é certamente a maneira mais importante de utilização do rádio, mas sem dúvida se insere em toda uma série de experiências que caminham neste sentido".

Em dezembro de 1949 a rádio de Stuttgart (*O Süddeutscher Rundfunk*) pediu a Brecht autorização para transmitir *O vôo de Lindbergh*. Brecht respondeu com a carta abaixo. Mais tarde, como resposta a qualquer pedido de transmissão, esclareceu que esta autorização implicava necessariamente obedecer às modificações contidas nesta carta. Para a impressão da peça Brecht determinou a substituição de *Os Lindbergh* por *Os Aviadores*. O texto deveria vir sempre acompanhado de sua carta ao *Süddeutscher Rundfunk*, bem como de seu "Prólogo".

A CARTA

Ao Süddeutscher Rundfunk
Stuttgart.

Prezados Senhores:

Se os senhores tencionam transmitir *O vôo de Lindbergh* em uma retrospectiva histórica, devo lhes pedir que procedam a transmissão de um Prólogo e que se façam algumas pequenas modificações no texto. É sabido que Lindbergh manteve estreitas relações com os nazistas; seu relatório entusiástico naquela ocasião sobre a invencibilidade da Força Aérea nazista provocou um efeito

paralisante em inúmeros países. Como fascista, L. desempenhou igualmente um papel bastante ambíguo nos Estados Unidos. Por isso, o título da minha peça radiofônica deverá ser modificado para *O vôo sobre o oceano*; é imprescindível transmitir o Prólogo e eliminar, no texto, o nome de Lindbergh.

1. Em 1 (Apelo geral) substituir: "A travessia do oceano pelo capitão Lindbergh" por: "A primeira travessia aérea do oceano".

2. Em 3 (Apresentação dos aviadores e partida...) substituir: "Meu nome é Charles Lindbergh" por: "Meu nome não interessa".

3. Em 10 (Durante todo o vôo não cessavam de falar...) substituir: "Eu sou Charles Lindbergh. Por favor, levem-me" por: "Eu sou Fulano de Tal. Por favor, levem-me".

Se esta versão lhes convém, nada tenho contra a apresentação da peça. Estas modificações podem alterar ligeiramente o poema, mas a supressão do nome de Lindbergh servirá de lição.

Cordiais saudações

Seu

(assinado) Bertolt Brecht

Berlim, 3.1.1950

N. B. — Se os títulos forem mantidos, é preciso que também neles leia-se sempre "Os aviadores".

O PRÓLOGO

Prólogo, para ser lido antes da transmissão de *O vôo sobre o oceano*:

Vocês ouvirão
O relato do primeiro vôo sobre o oceano,
Em maio de 1927. Um jovem
O realizou. Ele triunfou
Sobre a tempestade, o gelo e as águas vorazes. Entretanto,
Que seu nome seja apagado; pois
Ele, que se orientou por sobre águas extraviadoras,
Perdeu-se no pântano de nossas cidades. Tempestade e gelo
Não o venceram, mas seu semelhante
O venceu. Uma década
De glória e de riqueza e o miserável
Ensinou os carrascos de Hitler
A pilotar bombardeiros mortíferos. Por isso,
Seja apagado seu nome. Mas
Lembrem-se: nem a coragem nem o conhecimento
Dos motores e das cartas náuticas inscrevem o anti-social
Na epopéia.

NOTA

No caderno I dos *Versuche* (Ensaaios), *O vôo sobre o oceano* termina com o "Relato do inatingível", onde se lê no final: "Sem nos deixar esquecer o inatingível". Numa nota de rodapé no início da *Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo*, Brecht recomenda: "No primeiro Ensaio, a colocação da palavra 'inatingível' não está correta. Deve-se corrigi-la para: 'O que ainda não foi alcançado' ". De acordo com esta nota de Brecht, a linha em questão e o título correspondente foram alterados. Portanto a nota de rodapé da *Peça didática de Baden-Baden* pode ser dispensada.

A peça didática de Baden-Baden sobre o acordo

Das Badener Lehrstück vom Einverständnis

Escrito em 1929

Estréia: 28.7.1929 em Baden-Baden

Tradução: Fernando Peixoto

Colaboradores: S. Dudow, E. Hauptmann

PERSONAGENS:

- AVIADOR
- Os TRÊS MECÂNICOS
- LÍDER DO CORO (CHANTRE)
- NARRADOR
- TRÊS PALHAÇOS
- CORO

Ao fundo de um estrado, cujo tamanho depende do número de participantes, está o Coro. À esquerda, a orquestra; também à esquerda, em primeiro plano, uma mesa, na qual estão sentados o regente dos músicos e dos cantores, o Líder do Coro (chante) e o Narrador. Os cantores que interpretam os Quatro Aviadores Acidentados estão sentados num banco de escola, no primeiro plano à direita. Para maior clareza de cena é possível colocar, no estrado ou ao lado deste, os escombros de um avião.

1

RELATÓRIO DO VÔO

Os QUATRO AVIADORES *relatam* — No tempo em que a humanidade

Começava a se conhecer,
Nós construimos aviões,
Com madeira, ferro e vidro,
E atravessamos os ares voando;
Por sinal, com uma velocidade
Superior em mais do dobro à do furacão.
E na verdade nossos motores eram
Mais fortes que cem cavalos, mas
Menores que cada um deles.
Durante mil anos tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer testemunho
De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas nós nos erguemos.
Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era
Ergueu-se nossa
Ingenuidade de aço,

Mostrando o que é possível
Sem nos deixar esquecer:
O que ainda não foi alcançado.

2

A QUEDA

O LÍDER DO CORO *fala aos Acidentados* — Não voem mais
agora,
Já não é necessário que se tornem mais velozes.
O nível do solo
Para vocês, agora,
É suficientemente alto.
Basta
Que permaneçam imóveis,
Não mais em cima, sobre nós,
Não mais longe, a nossa frente,
Não mais em sua carreira,
Mas sim imóveis,
Digam-nos quem são.

Os AVIADORES ACIDENTADOS *respondem* — Nós participamos
dos trabalhos dos nossos camaradas.
Nossos aviões se tornaram melhores,
Voamos cada vez mais alto,
O mar foi vencido,
E eis que as montanhas já ficaram baixas.
Fomos dominados pela febre
Do petróleo e da construção de cidades.
Nossos pensamentos eram máquinas e
Luta pela velocidade.
Com a luta esquecemos
O nosso nome e o nosso rosto,
E com a pressa da partida
Esquecemos o objetivo de nossa partida.
Mas nós lhes imploramos

Que venham ao nosso encontro e
Que nos dêem água,
E um travesseiro para apoiarmos nossa cabeça,
E que nos ajudem, pois
Não queremos morrer.

O CORO *dirigindo-se à Multidão* — Escutem: quatro
homens
Pedem seu socorro.
Eles
Voaram através dos ares e
Caíram ao solo e
Não querem morrer.
Por isso pedem
O seu socorro.
Aqui temos
Um cálice com água e
Um travesseiro,
Mas digam-nos
Se devemos ou não ajudá-los.

A MULTIDÃO *responde ao Coro* — Sim.

O CORO *à Multidão* — Eles os ajudaram?

A MULTIDÃO — Não.

O NARRADOR *dirigindo-se à Multidão* — Sobre estes corpos,
que já se esfriam, investigaremos se o homem costuma
ajudar o homem.

3

INQUÉRITOS PARA SABER SE O HOMEM AJUDA O HOMEM

Primeiro Inquérito.

O LÍDER DO CORO *se adianta* — Um de nós atravessou o mar e
Descobriu um novo continente.
Mas muitos depois dele

Lá construíram grandes cidades com
Muito esforço e inteligência.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O LÍDER DO CORO — Um de nós construiu uma máquina
Cujo vapor aciona uma roda, e essa foi
A mãe de muitas outras máquinas.
Mas muitos trabalham nelas
Todos os dias.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.

O LÍDER DO CORO — Muitos de nós meditaram
Sobre o movimento da Terra ao redor do Sol, sobre
O íntimo do homem, as leis
Gerais, a composição do ar,
E sobre os peixes abissais.
E descobriram
Grandes coisas.

O CORO *retruca* — Nem por isso o pão ficou mais barato.
Pelo contrário,

A miséria aumentou em nossas cidades,
E já há muito tempo
Ninguém mais sabe o que é um homem.
Por exemplo: enquanto vocês voavam, rastejava
Pelo chão algo semelhante a vocês,
Não como um homem!

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Então, o ho-
mem ajuda o homem?

A MULTIDÃO *responde* — Não.

Segundo Inquérito.

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Observem estas
imagens e depois digam
Que o homem ajuda o homem!

*Apresentam-se vinte fotografias que mostram como, em nossa
época, os homens são massacrados pelos homens.*

A MULTIDÃO *grita* — O homem não ajuda o homem!

Terceiro Inquérito.

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Observem o
nosso número de palhaços, no qual
Homens ajudam um homem!

*Três palhaços de circo sobem ao estrado; um deles, chamado
Sr. Schmitt, é um gigante. Eles falam em voz muito alta.*

PRIMEIRO — Uma bela noite esta, não é Sr. Schmitt?

SEGUNDO — O que o senhor diz da noite, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Não acho bonita.

PRIMEIRO — O senhor não quer se sentar, senhor Schmitt?

SEGUNDO — Aqui está uma cadeira, senhor Schmitt. Por que
o senhor não responde?

PRIMEIRO — Você não está vendo? O senhor Schmitt quer
ficar olhando a lua.

SEGUNDO — Me diz uma coisa. Por que é que você está sem-
pre puxando o saco do Sr. Schmitt? Isso incomoda o se-
nhor Schmitt.

PRIMEIRO — Porque o senhor Schmitt é muito forte. É por
isso que eu fico puxando o saco dele.

SEGUNDO — Eu também.

PRIMEIRO — Peça ao senhor Schmitt para que se sente aqui
conosco.

SR. SCHMITT — Eu não me sinto bem hoje.

PRIMEIRO — Então o senhor tem que se distrair, senhor
Schmitt.

SR. SCHMITT — Eu acho que eu não posso mais me distrair.

Pausa.

Como é que está a minha cara?

PRIMEIRO — Rosada, senhor Schmitt, sempre rosada.

SR. SCHMITT — Olhem, pois eu pensei que estava pálido.

PRIMEIRO — Isso é curioso. O senhor diz que pensou que estava pálido? Olhando para o senhor agora, não posso negar que eu também acho que o senhor está com o rosto pálido.

SEGUNDO — Já que o senhor está assim, senhor Schmitt, se eu fosse o senhor, eu me sentava.

SR. SCHMITT — Hoje eu não quero me sentar.

PRIMEIRO — Não, não. Não sente, de maneira nenhuma, é melhor ficar de pé.

SR. SCHMITT — Por que você acha que eu devo ficar de pé?

PRIMEIRO *para o Segundo* — Hoje ele não pode se sentar, porque senão ele é capaz de não conseguir se levantar nunca mais.

SR. SCHMITT — Meu Deus!

PRIMEIRO — Ouviu? Ele mesmo já está entendendo. Por isso o sr. Schmitt prefere ficar de pé.

SR. SCHMITT — Sabe, eu acho que o meu pé esquerdo está me doendo um pouco.

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT *com dor* — Como?

PRIMEIRO — Dói muito?

SR. SCHMITT — Sim, dói bastante...

SEGUNDO — É de ficar em pé.

SR. SCHMITT — Bem, será que eu devo me sentar?

PRIMEIRO — Não, de jeito nenhum. Isso nós temos que evitar.

SEGUNDO — Se o seu pé esquerdo está doendo, só tem um remédio: fora com o pé esquerdo.

PRIMEIRO — E quanto mais rápido, melhor.

SR. SCHMITT — Bem, se vocês acham...

SEGUNDO — aro.

Serram-lhe o pé esquerdo.

SR. SCHMITT — Uma bengala, por favor.

Dão a ele uma bengala.

PRIMEIRO — E agora, está conseguindo ficar de pé, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Sim, do lado esquerdo. Mas vocês têm que me devolver o pé. Eu não gostaria de perdê-lo.

PRIMEIRO — Pois não, se o senhor não confia...

SEGUNDO — A gente também podia ir andando...

SR. SCHMITT — Não, não. Agora vocês têm que ficar aqui, porque eu não posso mais andar sozinho.

PRIMEIRO — Aqui está o pé.

O senhor Schmitt segura o pé debaixo do braço.

SR. SCHMITT — Agora, a minha bengala caiu.

SEGUNDO — Em compensação, o senhor já tem o seu pé de volta.

Os dois riem ruidosamente.

SR. SCHMITT — Agora eu não posso ficar de pé mesmo. E é claro que agora a outra perna também começa a doer.

PRIMEIRO — Sem dúvida.

SR. SCHMITT — Eu não queria incomodar vocês mais do que o necessário, mas sem a bengala eu não posso me arranjar.

SEGUNDO — Em vez de pegarmos a bengala, fariamos melhor em serrar a outra perna, que lhe dói tanto.

SR. SCHMITT — É. Talvez melhore assim.

Serram a outra perna. O senhor Schmitt cai.

SR. SCHMITT — Agora eu não consigo mais me levantar.

PRIMEIRO — Isso é horrível. E era justamente isso que nós queríamos evitar: que o senhor se sentasse.

SR. SCHMITT — O quê?

SEGUNDO — O senhor não consegue mais se levantar, senhor Schmitt.

SR. SCHMITT — Não me digam isso, isso me dói.

SEGUNDO — O que é que eu não devo mais dizer?

SR. SCHMITT — Isso...

SEGUNDO — Que o senhor não consegue mais se levantar?

SR. SCHMITT — Você não pode calar a boca?

SEGUNDO — Não, senhor Schmitt. Mas eu posso desatarraxar a sua orelha esquerda, para que assim o senhor não me ouça quando eu disser que o senhor não consegue se levantar.

SR. SCHMITT — É, talvez seja melhor.

Eles desatarraxam sua orelha esquerda.

SR. SCHMITT *para o Primeiro* — Agora eu só posso escutar você. O Segundo passa para o outro lado. Por favor, a orelha! Furioso. E por favor, me dêem também a segunda perna, que está me faltando. Isso não é jeito de tratar um homem doente. Devolvam imediatamente os membros extraviados a mim, seu legítimo proprietário. *Colocam a outra perna debaixo do braço do Sr. Schmitt e põem a orelha no seu colo.* E tem mais, se vocês pretendem fazer hora com a minha cara, vocês estão completamente... O que é que está havendo agora com o meu braço?

SEGUNDO — Deve ser porque o senhor está carregando toda essa tralha aí!

SR. SCHMITT *baixo* — Claro. Vocês poderiam me aliviar dela?

SEGUNDO — Ora, a gente podia era tirar logo o braço todo, o que seria bem melhor.

SR. SCHMITT — Bem, por favor, se vocês acham...

SEGUNDO — Claro.

Serram-lhe o braço esquerdo.

SR. SCHMITT — Obrigado. Vocês estão se incomodando demais comigo.

PRIMEIRO — Bom, senhor Schmitt, aqui está tudo o que lhe pertence. Ninguém mais lhe tira.

Põem no seu colo todos os membros que lhe foram arrancados. O Sr. Schmitt os observa.

SR. SCHMITT — É estranho, estou com uns pensamentos tão desagradáveis na cabeça. Por favor — *ao Primeiro* —, diga-me alguma coisa agradável.

PRIMEIRO — Com prazer, senhor Schmitt, o senhor quer ouvir uma história? Dois homens saem de uma taberna. Aí, eles começam a brigar e a atirar bosta de cavalo um no outro. Um deles acerta com a bosta na boca do outro, ao que este diz: "Pois bem, esta vai ficar aqui, até a polícia chegar".

O Segundo ri, mas o senhor Schmitt não ri.

SR. SCHMITT — Esta não é uma história bonita. Você não podia me contar uma história bonita? Como eu já disse, estou com uns pensamentos desagradáveis na cabeça.

PRIMEIRO — Não, senhor Schmitt, infelizmente, fora essa história eu não sei contar mais nenhuma.

SEGUNDO — Ora, a gente podia era serrar logo a sua cabeça, já que o senhor está com pensamentos esquisitos dentro dela.

SR. SCHMITT — Sim, por favor, talvez isso ajude.

Eles lhe serram a parte superior da cabeça.

PRIMEIRO — Como está se sentindo agora, senhor Schmitt? Mais aliviado?

SR. SCHMITT — Sim, muito mais. Agora eu me sinto muito mais aliviado. Só que estou com muito frio na cabeça.

SEGUNDO — Então ponha o chapéu. *Grita.* Ponha o chapéu!

SR. SCHMITT — Não consigo pegá-lo.

SEGUNDO — O senhor quer a bengala?

SR. SCHMITT — Sim, por favor. *Tenta pescar o chapéu com a bengala.* Agora, a bengala caiu e eu não consigo alcançar o chapéu. Estou sentindo muito frio.

SEGUNDO — E se nós desatarraxássemos a cabeça?

SR. SCHMITT — Bem, eu não sei. . .

PRIMEIRO — Claro. . .

SR. SCHMITT — Realmente, eu já não sei mais nada.

SEGUNDO — Por isso mesmo.

Desatarraxam-lhe a cabeça. O senhor Schmitt cai de costas.

SR. SCHMITT — Esperem! Um de vocês precisa pôr a mão na minha testa.

PRIMEIRO — Onde?

SEGUNDO — Um de vocês precisa segurar minha mão.

PRIMEIRO — Onde?

SEGUNDO — O senhor agora se sente mais aliviado, senhor Schmitt?

SR. SCHMITT — Não. O problema é que eu estou deitado de costas sobre uma pedra.

SEGUNDO — Ora, senhor Schmitt, também não se pode ter tudo.

Os dois riem ruidosamente. Fim do número dos palhaços.

A MULTIDÃO *grita* — O homem não ajuda o homem.

O LÍDER DO CORO — Devemos rasgar o travesseiro?

A MULTIDÃO — Sim.

O LÍDER DO CORO — Devemos jogar fora a água?

A MULTIDÃO — Sim.

4

A RECUSA DA AJUDA

O CORO — Quer dizer então que eles não devem ser ajudados.
Rasgaremos o travesseiro e
Jogaremos fora a água.

O Narrador rasga o travesseiro e joga fora a água.

A MULTIDÃO *lê para si mesmo* — Certamente vocês já observaram

A ajuda em mais de um lugar,

Sob diferentes formas. Gerada por um estado de coisas
Que ainda não conseguimos dispensar:

A violência.

Contudo, nós os aconselhamos a enfrentar

A cruel realidade

Com uma crueldade ainda maior. E,

Abandonando o estado de coisas que gera a necessidade,
Abandonem a necessidade. Portanto

Não contem com ajuda:

Recusar a ajuda supõe a violência.

Obter ajuda também supõe a violência.

Enquanto a violência impera, a ajuda poderá ser recusada.
Quando não mais imperar a violência, a ajuda não mais
será

Necessária.

Por isso, em vez de reclamar ajuda, é preciso abolir a
violência.

Ajuda e violência constituem um todo,

E é este todo que é preciso transformar.

5

A DELIBERAÇÃO

O AVIADOR ACIDENTADO — Camaradas, nós
Vamos morrer.

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Nós sabemos que vamos morrer, mas
E você, sabe?
Ouça, então:
Você morrerá de qualquer jeito.
Sua vida é arrancada.
Seu mérito é apagado.
Você morrerá por si mesmo.
Ninguém olhará para você.
Finalmente, você morrerá.
E assim também nós morreremos.

6

CONTEMPLAÇÃO DOS MORTOS

O NARRADOR — Contemplem os mortos!

Mostram-se dez grandes fotografias de mortos. Logo depois, diz o Narrador: "Segunda Contemplação dos Mortos", mostram-se mais uma vez as mesmas fotografias.

Depois de terem contemplado os mortos, os Acidentados começam a gritar:

Os ACIDENTADOS — Nós não podemos morrer!

7

LEITURA DOS COMENTÁRIOS

O CORO *dirigindo-se aos Acidentados* — Não podemos ajudá-los,
Apenas uma indicação,
Apenas uma atitude,
Podemos lhes dar.
Morram, mas aprendam.
Aprendam, mas não aprendam errado.

Os ACIDENTADOS — Não nos resta muito tempo,
Não podemos aprender muito mais.

O CORO — Se vocês têm pouco tempo,
Têm tempo o suficiente,
Porque é fácil aprender o certo.

O Narrador *destaca-se do Coro com um livro. Aproxima-se dos Acidentados, senta-se e lê trechos do comentário.*

O NARRADOR — 1. Quem arranca algo, segurará algo. E a quem algo é arrancado, também ele o segurará. E quem segura algo, dele algo será arrancado.

Aquele de nós que morre, abandona o quê? Não abandona apenas a sua mesa ou a sua cama! Aquele de nós que morre, também sabe: abandono tudo o que existe e dou mais do que tenho. Aquele de nós que morre, abandona a rua que conhece e também a que não conhece. As riquezas que possui e também as que não possui. A própria miséria. A sua própria mão. Como então, quem não estiver exercitado nisso, poderá levantar uma pedra? Como poderá levantar uma grande pedra? Como, quem não estiver exercitado no abandono, abandonará a sua mesa? Ou como abandonará tudo aquilo que possui e também o que não possui? A rua que conhece e também a que não conhece? As riquezas que possui e também as que não possui? A própria miséria? A sua própria mão?

2. Quando o Pensador se viu numa violenta tempestade, estava sentado num grande veículo e ocupava muito espaço. A primeira coisa que fez foi sair do veículo, a segunda foi tirar seu casaco, a terceira foi deitar-se no chão. Assim ele venceu a tempestade reduzido à sua menor dimensão.

Os ACIDENTADOS *perguntam ao Narrador* — E assim ele sobreviveu à tempestade?

O NARRADOR — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

Os ACIDENTADOS — Reduzido à sua menor dimensão, ele sobreviveu à tempestade.

O NARRADOR — 3. Para ajudar um homem a aceitar a morte, o Pensador interveniente pediu-lhe que se despojasse de todos os seus bens. Depois de ter abandonado tudo, ao homem só restava a vida. Abandona mais uma coisa, disse-lhe o Pensador.

4. Se o Pensador venceu a tempestade, venceu-a porque conhecia a tempestade e estava de acordo com a tempestade. Portanto, se quiserem superar a morte, é preciso conhecer a morte e estar de acordo com a morte. Mas aquele que procura o acordo deverá preferir a pobreza. Não deve estar preso às coisas! As coisas podem ser tiradas e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso à vida! A vida pode ser tirada e aí não haverá acordo. Também não deve estar preso aos pensamentos, porque também os pensamentos poderão ser tirados e aí também não haverá acordo.

8

O EXAME

O Coro examina os Acidentados em presença da Multidão.

1

O CORO — A que altura voaram?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Voamos a uma altura extraordinária.

O CORO — A que altura voaram?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Subimos a quatro mil metros de altura.

O CORO — A que altura voaram?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Voamos a uma grande altura considerável.

O CORO — A que altura voaram?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Erguemo-nos um pouco acima do solo.

O LÍDER DO CORO *dirigindo-se à Multidão* — Eles se ergueram um pouco acima do solo.

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu voei a uma altura extraordinária.

O CORO — E ele voou a uma altura extraordinária.

2

O CORO — Foram enaltecidos?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Não fomos enaltecidos o suficiente.

O CORO — Foram enaltecidos?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos enaltecidos.

O CORO — Foram enaltecidos?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos suficientemente enaltecidos.

O CORO — Foram enaltecidos?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Fomos muitíssimo enaltecidos.

O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Eles foram muitíssimo enaltecidos.

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não fui suficientemente enaltecido.

O CORO — E ele não foi suficientemente enaltecido.

3

O CORO — Quem são vocês?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Somos os que sobrevoaram o oceano.

O CORO — Quem são vocês?

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Somos alguns de vocês.

O CORO — Quem são vocês?

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Não somos ninguém.
O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Eles não são ninguém.
O AVIADOR ACIDENTADO — Eu sou Charles Nungesser.
O CORO — E ele é Charles Nungesser.

4

O CORO — Quem os espera?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Muitos nos esperam
além-mar.
O CORO — Quem os espera?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Nosso pai e nossa mãe
nos esperam.
O CORO — Quem os espera?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém nos espera.
O LÍDER DO CORO *para a Multidão* — Ninguém os espera.

5

O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que foram
enaltecidos demais.
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que se ergue-
ram um pouco acima do solo.
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aqueles que ninguém
espera.
O CORO — Então quem morrerá, se vocês morrerem?
OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Ninguém.
O CORO — Agora sabeis:
Ninguém
Morrerá, se vocês morrerem.
Agora eles atingiram
Sua menor dimensão.

O AVIADOR ACIDENTADO — Mas eu, com meu vôo,
Atingi minha maior dimensão.
Tão alto quanto eu voei,
Ninguém voou.
Eu não fui enaltecido o bastante, eu
Não poderei ser enaltecido o bastante.
Não voei por nada nem por ninguém.
Voei por voar.
Ninguém me espera, eu
Não vôo em sua direção, eu
Vôo para me afastar de vocês, eu
Jamais morrerei.

9

ENALTECIMENTO E DESAPROPRIAÇÃO

O CORO — Agora, mostrem
O resultado de seu esforço.
Pois só
O resultado é real.
Entreguem, portanto, o motor,
As asas e o trem de aterrissagem. Tudo
O que lhe permitiu voar, tudo
O que construíram.
Abandonem-no!
O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não o abandono.
O que é
O avião sem o avião?
O LÍDER DO CORO — Tomem-no!
O avião é tirado dos Acidentados e levado para o outro canto
do estrado.
O CORO, *durante a desapropriação*, enaltece os Acidentados —
Levantem-se, aviadores. Vocês transformaram as leis da
Terra.

Durante mil anos, tudo caiu de cima para baixo,
Com exceção dos pássaros.
Nem mesmo nas mais antigas pedras
Encontramos qualquer testemunho
De que algum homem
Tenha atravessado os ares voando.
Mas vocês se ergueram
Próximo ao fim do segundo milênio de nossa era.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS *subitamente apontam
par o Aviador Acidentado* — O que é isso, olhem!

O LÍDER DO CORO *rapidamente para o Coro* — Entoem o “Totalmente irreconhecível”.

O CORO *cercando o Aviador Acidentado* — Totalmente irreconhecível
Está agora o seu rosto,
Gerado entre ele e nós. Pois
Aquele que de nós precisou
E de quem nós necessitamos, esse alguém
Foi ele.

O LÍDER DO CORO — Este homem
Tinha um cargo
Mesmo que usurpado.
Arrancou de nós o que precisou e
Nos negou o que necessitávamos.
Por isso seu rosto
Se extingue com seu cargo:
Ele só tinha um!

Quatro participantes do Coro discutem por cima dele.

PRIMEIRO — Se é que ele existiu...

SEGUNDO — Existiu.

PRIMEIRO — Ele era o quê?

SEGUNDO — Não era ninguém.

TERCEIRO — Se é que ele era alguém...

QUARTO — Não era ninguém.

TERCEIRO — Como se fazia para vê-lo?

QUARTO — Dando-lhe uma ocupação.

OS QUATRO — Quando ele é chamado, ele nasce.
Quando ele é transformado, ele existe.
Quem precisa dele, o conhece.
A quem ele é útil, o engrandece.

SEGUNDO — E apesar disso ele não é ninguém.

O CORO *junto com a Multidão* — Aquilo que aqui jaz sem cargo
Não é mais humano.
Morra agora, você não-mais-humano!

O AVIADOR ACIDENTADO — Eu não posso morrer.

OS TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Você se afastou do curso das águas, homem.
Você não esteve no curso das águas, homem.
Você é muito grande, você é muito rico.
Você é singular demais.
Por isso não pode morrer.

O CORO — Mas
Quem não pode morrer
Também morre.
Quem não sabe nadar
Também nada.

10

A EXPULSÃO

Um de nós,
Com rosto, figura e pensamento,
Perfeitamente igual a nós,
Deve nos deixar. Porque durante a noite passada
Foi marcado e,
Desde hoje de manhã, seu hálito está podre.
Seu corpo se decompõe. Seu rosto,

Que nos era familiar, já se torna desconhecido.
Homem, fale conosco. Esperamos
Sua voz no lugar de sempre. Fale!
Ele não fala. Sua voz
Não sai. Não tenha medo agora, homem. Porém,
Agora você deve partir. Vá logo!
Não olhe para trás, vá
Para longe de nós.

O cantor que interpreta o Aviador deixa o estrado.

11

O ACORDO

O CORO *dirigindo-se aos Três Mecânicos Acidentados* — Mas
você, que estão de acordo com o curso das coisas,
Não voltem a mergulhar no Nada.
Não se deixem dissolver como o sal na água. Do con-
trário,
Ergam-se,
Morram sua morte como
Têm realizado seu trabalho,
Revolucionando uma revolução.
Morrendo, não se preocupem com
A morte.
Mas recebam de nós a tarefa
De reconstruir nosso avião.
Comecem!
A fim de voarem para nós,
Aonde precisarmos de você
E no momento em que for necessário. Pois
Nós os
Exortamos a marchar conosco. E, conosco,
Transformar não somente
Uma das leis da Terra, mas sim
A lei fundamental:

De acordo com a qual tudo será transformado,
O mundo e a humanidade,
Antes de tudo a desordem
Das classes sociais; pois a humanidade se divide em duas:
Exploração e ignorância.

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Estamos de acordo
com a transformação.

O CORO — E lhes pedimos:
Transformem nosso motor e aperfeiçoem-no,
Façam aumentar a segurança e a velocidade,
Mas não esqueçam o objetivo na pressa da partida.

Os TRÊS MECÂNICOS ACIDENTADOS — Aperfeiçoaremos o
motor, a segurança e
A velocidade.

O CORO — Abandonem isso tudo!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando tiverem melhorado o mundo,
Melhorem, então, o mundo melhorado.
Abandonem-no!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando, ao melhorar o mundo, tiverem comple-
tado a verdade,
Completem, então, a verdade completada.
Abandonem-na!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Quando, ao completar a verdade, tiverem trans-
formado a humanidade,
Transformem, então, a humanidade transformada.
Abandonem-na!

O LÍDER DO CORO — Avante!

O CORO — Transformando o mundo, transformem-se!
Abandonem a si mesmos!

O LÍDER DO CORO — Avante!

Aquele que diz sim e
Aquele que diz não

Óperas escolares

Der Jasager und Der Neinsager
Schulopern

Escrito em 1929/30

Estréia: 23.6.1930 em Berlim

Tradução: Luis Antônio Martinez Corrêa e
Marshall Netherland

Colaboração: Paulo César Souza

Baseada na adaptação inglesa de Arthur Waley do 'Nō' japonês "Taniko".

Colaboradores: E. Hauptmann, K. Weill

PERSONAGENS

○ PROFESSOR

○ MENINO

A MÃE

OS TRÊS ESTUDANTES

○ GRANDE CORO

AQUELE QUE DIZ SIM

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.
Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.
Muitos não são consultados, e muitos
Estão de acordo com o erro. Por isso:
O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles para me despedir, porque estou de partida para uma viagem às montanhas. É que surgiu uma epidemia entre nós, e na cidade, além das montanhas, moram alguns grandes médicos.

Bate na porta. Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é?
Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou doente.

O PROFESSOR — Eu não sabia que ela também estava doente.
Por favor, vá logo dizer a ela que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor está aqui.

A MÃE *sentada no plano 2* — Mande entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui.
Seu filho diz que a senhora também ficou doente. Está
melhor agora?

A MÃE — Infelizmente não estou nada melhor, já que até
agora não se conhece nenhum remédio para essa doença.

O PROFESSOR — A gente tem que descobrir alguma coisa.
Por isso eu vim me despedir de vocês: amanhã eu vou
partir para uma viagem através das montanhas em bus-
ca de remédios e instruções. Porque na cidade, além das
montanhas, moram os grandes médicos.

A MÃE — Uma caravana de socorro nas montanhas! É ver-
dade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá,
mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa.
O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta não se levam
crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus.

Sai para o plano 1.

O MENINO seguindo o professor, no plano 1 — Eu tenho que
dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

O PROFESSOR — Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer
vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a
senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma via-
gem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você
vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que
ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e ins-
truções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o
menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada
perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você ao meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada
vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (ele vai) fazer
a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

- O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.
Então o professor e a sua mãe disseram
Numa só voz:
- O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro,
mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.
- O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:
- A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

- O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

- O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.
- OS TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrado no plano 2. O menino detém o professor.

- O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.
- O PROFESSOR — O que é?
- O MENINO — Eu não me sinto bem.
- O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco.

Ele sobe no estrado.

- OS TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino está cansado por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.
- O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!
- OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino está cansado por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?
- O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.
- OS TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

- OS TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?
- O professor disse
Que o menino está somente cansado por causa da subida.
Mas ele não está ficando com uma aparência muito estranha?
- Logo depois da cabana vem a passagem estreita.
Só se pode passar por ela
Agarrando-se à rocha com as duas mãos.
Tomara que ele não esteja doente,
Porque, se ele não puder continuar, nós vamos ter que
Deixar o menino aqui.

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

Você está doente? — Ele não responde. — Vamos perguntar ao professor.

Ao professor: Quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida, mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado.

O PROFESSOR — Estou vendo que ele ficou doente. Tentem carregá-lo na passagem estreita.

OS TRÊS ESTUDANTES — Vamos tentar.

Os três estudantes tentam atravessar a "passagem estreita" carregando o menino. A "passagem estreita" deve ser construída pelos atores com estrados, cordas, cadeiras etc., de tal forma que os três estudantes possam passar sós, mas não carregando o menino.

OS TRÊS ESTUDANTES — Não podemos passar com ele e também não podemos ficar com ele. Aconteça o que acontecer, nós temos que continuar porque uma cidade inteira está esperando o remédio que nós viemos buscar. É terrível ter que dizer isto, mas, se ele não pode vir conosco, nós vamos ter que deixar o menino aqui, nas montanhas.

O PROFESSOR — É verdade, talvez tenham que fazer isto. Eu não posso me opor a vocês. Mas eu acho justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou prepará-lo para o seu destino.

OS TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

OS TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer que se volte (que voltem) por sua causa. Porém, mesmo se ele quiser, Nós não vamos (eles não iam) voltar, E sim deixá-lo aqui e continuar.

O PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Como você ficou doente e não pode continuar, vamos ter que deixar você aqui. Mas é justo que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: vocês não devem voltar.

O MENINO — Eu compreendo.

O PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa?

O MENINO — Vocês não devem voltar!

O PROFESSOR — Então você está de acordo em ser deixado aqui?

O MENINO — Eu quero pensar. *Pausa para reflexão.* Sim, eu estou de acordo.

O PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Ele respondeu conforme a necessidade!

O GRANDE CORO E OS TRÊS ESTUDANTES *no momento em que os três estudantes descem ao plano 1* — Ele disse sim. Continuem!

Os três estudantes param.

O PROFESSOR — Agora continuem, não parem, Porque vocês decidiram continuar.

Os três estudantes não se movem.

O MENINO — Eu quero dizer uma coisa: eu peço que não me deixem aqui, e sim me joguem no vale, porque eu tenho medo de morrer sozinho.

OS TRÊS ESTUDANTES — Nós não podemos fazer isso.

O MENINO — Pare! Eu exijo.

O PROFESSOR — Vocês decidiram continuar e deixá-lo aqui. É fácil decidir o seu destino, Mas difícil executá-lo. Estão prontos para jogá-lo no vale?

OS TRÊS ESTUDANTES — Sim.

Os três estudantes levam o menino para o estrado no plano 2.

Encoste a cabeça em nossos braços.
Não faça força.
Nós levamos você com cuidado.

Os três estudantes colocam o menino na parte posterior do estrado e, de pé a sua frente, escondem-no do público.

O MENINO *invisível* — Eu sabia muito bem que nesta viagem
Arriscava perder minha vida.
Foi pensando em minha mãe
Que me fez a partir.
Tomem meu cantil,
Ponham o remédio nele
E levem para minha mãe,
Quando vocês voltarem.

O GRANDE CORO — Então os amigos pegaram o cantil
E deploraram os tristes caminhos do mundo
E suas duras leis amargas,
E jogaram o menino.
Pé com pé, um ao lado do outro,
Na beira do abismo,
De olhos fechados, eles jogaram o menino,
Nenhum mais culpado que o outro.
E jogaram pedaços de terra
E umas pedrinhas
Logo em seguida.

AQUELE QUE DIZ NÃO

1

O GRANDE CORO — O mais importante de tudo é aprender a
estar de acordo.
Muitos dizem sim, mas sem estar de acordo.
Muitos não são consultados, e muitos
Estão de acordo com o erro. Por isso:
O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo.

O professor está no plano 1; a mãe e o menino, no plano 2.

O PROFESSOR — Eu sou o professor. Eu tenho uma escola na
cidade e tenho um aluno cujo pai morreu. Ele só tem
a mãe, que cuida dele. Agora, eu vou até a casa deles
para me despedir, porque estou de partida para uma via-
gem às montanhas. *Bate na porta.* Posso entrar?

O MENINO *passando do plano 2 para o plano 1* — Quem é?
Oh, o professor está aqui! O professor veio nos visitar!

O PROFESSOR — Por que faz tanto tempo que você não vai
à escola na cidade?

O MENINO — Eu não podia ir porque minha mãe ficou do-
ente.

O PROFESSOR — Eu não sabia. Por favor, vá logo dizer a ela
que eu estou aqui.

O MENINO *grita em direção ao plano 2* — Mamãe, o professor
está aqui.

A MÃE *sentada numa cadeira de madeira no plano 2* — Man-
de entrar.

O MENINO — Entre, por favor.

Os dois entram no plano 2.

O PROFESSOR — Faz muito tempo que eu não venho aqui.
Seu filho diz que a senhora tem estado doente. Está me-
lhor agora?

A MÃE — Não se preocupe com a minha doença, não há de ser nada.

O PROFESSOR — Fico contente de ouvir isto. Eu vim me despedir de vocês, porque amanhã eu estou de partida para as montanhas numa viagem de estudos, porque na cidade, além das montanhas, moram os grandes mestres.

A MÃE — Uma viagem de estudos nas montanhas! É verdade, eu ouvi dizer que os grandes médicos moram lá, mas também ouvi dizer que é uma caminhada perigosa. O senhor pretende levar meu filho?

O PROFESSOR — Numa viagem como esta, não se levam crianças.

A MÃE — Bom, espero que o senhor volte com saúde.

O PROFESSOR — Agora eu tenho que ir embora. Adeus. *Sai para o plano 1.*

O MENINO *seguindo o professor, no plano 1* — Eu tenho que dizer uma coisa.

A mãe escuta à porta.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu quero ir com o senhor para as montanhas.

O PROFESSOR — Como eu já disse à sua mãe,
É uma viagem difícil e
Perigosa. Você não
Vai conseguir nos acompanhar. Além disso:
Como você pode querer abandonar
Sua mãe, que está doente?
Fique. É absolutamente
Impossível você vir conosco.

O MENINO — É porque minha mãe está doente que
Eu quero ir com você, para
Buscar para ela remédios e instruções
Com os grandes médicos, na cidade além das montanhas.

O PROFESSOR — Mas você estaria de acordo com todos os imprevistos que lhe poderiam surgir durante a viagem?

O MENINO — Sim.

O PROFESSOR — Eu tenho que falar com sua mãe novamente.

Ele volta ao plano 2. O menino escuta à porta.

Estou aqui de novo. Seu filho diz que quer vir conosco. Eu expliquei que ele não poderia deixar a senhora sozinha e doente e que, além disso, é uma viagem difícil e perigosa. É absolutamente impossível você vir conosco, eu lhe disse. Mas ele respondeu que tem que ir à cidade, além das montanhas, buscar remédios e instruções para a sua doença.

A MÃE — Eu ouvi suas palavras. E não duvido do que o menino diz — que ele gostaria de fazer a caminhada perigosa com o senhor. Meu filho, venha cá.

O menino entra no plano 2.

Desde o dia em que
Seu pai nos deixou,
Eu não tenho ninguém
A não ser você do meu lado.
Você nunca saiu
De minha vista nem do meu pensamento
Por mais tempo que eu precisasse
Para fazer sua comida,
Arrumar suas roupas e
Ganhar dinheiro.

O MENINO — É como a senhora diz. Mas apesar disso nada vai poder me desviar do que eu pretendo.

O MENINO, A MÃE E O PROFESSOR — Eu vou (Ele vai) fazer a perigosa caminhada
E buscar remédios e instruções
Para a sua (a minha) doença,
Na cidade além das montanhas.

O GRANDE CORO — Eles viram que nenhum argumento
Podia demovê-lo.

Então o professor e a mãe disseram
Numa só voz:

O PROFESSOR E A MÃE — Muitos estão de acordo com o erro,
mas ele
Não está de acordo com a doença, e sim
Em acabar com a doença.

O GRANDE CORO — A mãe ainda disse:

A MÃE — Eu já não tenho mais forças.
Se assim tem que ser,
Vá com o professor,
Mas volte logo.

2

O GRANDE CORO — As pessoas começaram a viagem
Para as montanhas.
Entre elas estavam o professor,
E o menino.
Mas o menino não podia suportar tanto esforço:
Ele forçou demais seu coração,
Que pedia retorno imediato.
Na alvorada, ao pé das montanhas,
Ele quase não conseguia mais
Arrastar seus pés cansados.

Entram no plano 1: o professor, os três estudantes e, por último, o menino trazendo um cantil.

O PROFESSOR — A subida foi rápida. Lá está a primeira cabana. Lá nós vamos parar um pouco.

OS TRÊS ESTUDANTES — Nós obedecemos.

Eles sobem num estrada do plano 2. O menino detém o professor.

O MENINO — Eu tenho que dizer uma coisa.

O PROFESSOR — O que é?

O MENINO — Eu não me sinto bem.

O PROFESSOR — Pare! Quem faz uma viagem como esta não pode dizer essas coisas. Talvez você esteja cansado por não estar acostumado a subir montanhas. Pare e descanse um pouco. *Ele sobe no estrada.*

OS TRÊS ESTUDANTES — Parece que o menino ficou doente por causa da subida. Vamos perguntar ao professor.

O GRANDE CORO — Sim. Perguntem!

OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — Nós ouvimos que o menino ficou doente por causa da subida. O que há com ele? Você está preocupado com ele?

O PROFESSOR — Ele não está se sentindo bem, é só isso. Ele está só cansado por causa da subida.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então você não está preocupado com ele?

Longa pausa.

OS TRÊS ESTUDANTES *entre eles* — Vocês ouviram?

O professor disse

Que o menino está somente cansado por causa da subida. Mas ele não está ficando com uma aparência estranha? Logo depois da cabana vem a passagem estreita.

Só se pode passar por ela

Agarrando-se à rocha com as duas mãos.

Nós não podemos carregar ninguém.

Devemos então seguir o grande costume e

Jogar o menino no vale?

Eles gritam em direção ao plano 1, com as mãos em concha:

A subida da montanha lhe fez mal?

O MENINO — Não.

Vejam, eu estou em pé.

Eu não estaria sentado

Se estivesse doente?

Pausa. O menino senta-se.

OS TRÊS ESTUDANTES — Vamos falar com o professor. Mestre, quando há pouco perguntamos pelo menino, você disse que ele estava simplesmente cansado por causa da subida. Mas agora ele está com uma aparência muito estranha. Olhe, ele até está sentado. É terrível ter que dizer isto, mas há muito tempo reina um grande costume entre nós: aquele que não pode continuar será jogado no vale.

O PROFESSOR — Como, vocês querem jogar este menino no vale?

OS TRÊS ESTUDANTES — Sim. É a nossa intenção.

O PROFESSOR — É um grande costume. Eu não posso me opor a ele. Mas o grande costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. Meu coração tem muita pena dessa pessoa. Eu vou até ele e, com o maior cuidado, vou lhe falar do grande costume.

OS TRÊS ESTUDANTES — Faça isso, por favor.

Eles se colocam frente a frente.

OS TRÊS ESTUDANTES E O GRANDE CORO — Nós vamos lhe perguntar (eles lhe perguntaram) se ele quer
Que se volte (que voltem) por sua causa.
Porém, mesmo se ele quiser,
Nós não vamos (eles não iam) voltar,
E sim jogá-lo no vale.

O PROFESSOR, *que foi até o menino no plano 1* — Presta atenção! Há muito tempo existe a lei que aquele que fica doente numa viagem como esta tem que ser jogado no vale. A morte é imediata. Mas o costume também exige que se pergunte àquele que ficou doente se se deve voltar por sua causa. E o costume exige que aquele que ficou doente responda: Vocês não devem voltar. Se eu estivesse em seu lugar, com que prazer eu morreria!

O MENINO — Eu compreendo.

O PROFESSOR — Você exige que se volte por sua causa? Ou está de acordo em ser jogado no vale como exige o grande costume?

O MENINO, *depois de um tempo de reflexão* — Não. Eu não estou de acordo.

O PROFESSOR *grita em direção ao plano 2* — Desçam até aqui. Ele não respondeu de acordo com o costume.

OS TRÊS ESTUDANTES *descendo em direção ao plano 1* — Ele disse não. *Ao menino:* Por que você não responde de acordo com o costume? Aquele que disse a, também tem que dizer b. Naquele tempo quando lhe perguntavam se você estaria de acordo com tudo que esta viagem poderia trazer, você respondeu que sim.

O MENINO — A resposta que eu dei foi falsa, mas a sua pergunta, mais falsa ainda. Aquele que diz a, não tem que dizer b. Ele também pode reconhecer que a era falso. Eu queria buscar remédio para minha mãe, mas agora eu também fiquei doente, e, assim, isto não é mais possível. E diante desta nova situação, quero voltar imediatamente. E eu peço a vocês que também voltem e me levem para casa. Seus estudos podem muito bem esperar. E se há alguma coisa a aprender lá, o que eu espero, só poderia ser que, em nossa situação, nós temos que voltar. E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume, que devemos introduzir imediatamente: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação.

OS TRÊS ESTUDANTES *ao professor* — O que fazer? O que o menino disse não é nada heróico, mas faz sentido.

O PROFESSOR — Eu deixo com vocês a decisão do que fazer. Mas tenho que lhes dizer uma coisa: se vocês voltarem, vão ser cobertos de zombaria e vergonha.

OS TRÊS ESTUDANTES — Não é vergonha ele falar a favor de si próprio?

O PROFESSOR — Não. Eu não vejo nisso nenhuma vergonha.

OS TRÊS ESTUDANTES — Então nós queremos voltar. Não vai ser a zombaria e não vai ser o desprezo que vão nos impedir de fazer o que é de bom senso, e não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma idéia justa.

Encoste a cabeça em nossos braços.

Não faça força.

Nós levamos você com cuidado.

O GRANDE CORO — Assim os amigos levaram o amigo

E eles criaram um novo costume,

E uma nova lei,

E levaram o menino de volta.

Lado a lado, caminharam juntos

Ao encontro do desprezo,

Ao encontro da zombaria, de olhos abertos,

Nenhum mais covarde que o outro.

A decisão

Peça didática

Die Massnahme
Lehrstück

Escrito em 1929/30
Estréia: 13.12.1930 em Berlim

Tradução: Ingrid Dormien Koudela

Colaboradores: S. Dudow, H. Eisler

PERSONAGENS:

Os QUATRO AGITADORES, um após o outro como:

○ JOVEM CAMARADA

○ DIRETOR DA CASA DO PARTIDO

Os DOIS CULES

○ INSPETOR

Os DOIS TRABALHADORES TÊXTEIS

○ POLICIAL

○ COMERCIANTE

○ CORO DE CONTROLE

- O CORO DE CONTROLE — Adiantem-se! Seu trabalho foi bem-sucedido, também nesse país a revolução está em marcha, e as fileiras de combatentes estão organizadas. Estamos de acordo com vocês.
- OS QUATRO AGITADORES — Alto, temos algo a dizer! Queremos comunicar a morte de um camarada.
- O CORO DE CONTROLE — Quem o matou?
- OS QUATRO AGITADORES — Nós o matamos. Atiramos nele e o jogamos numa mina de cal.
- O CORO DE CONTROLE — O que ele fez para que vocês o matassem?
- OS QUATRO AGITADORES — Muitas vezes fez o que era certo, algumas vezes o que era errado, mas por último colocou em risco o movimento. Ele queria o certo e fez o errado. Exigimos sua sentença.
- O CORO DE CONTROLE — Mostrem-nos como e por que aconteceu e ouvirão nossa sentença.
- OS QUATRO AGITADORES — Aceitaremos sua sentença.

1

OS ENSINAMENTOS DOS CLÁSSICOS

OS QUATRO AGITADORES — Viemos de Moscou como agitadores, devíamos ir à cidade de Mukden para fazer propaganda e apoiar os movimentos do Partido Chinês nas fábricas. Devíamos nos apresentar na Casa do Partido, que era a última antes da fronteira, e solicitar um guia. Aí veio ao nosso encontro, na sala de espera, um jovem camarada e lhe explicamos a natureza de nossa missão. Repetimos a conversa.

Eles se colocam, três contra um. Um dos quatro representa o jovem camarada.

O JOVEM CAMARADA — Sou o secretário da Casa do Partido, que é a última antes da fronteira. Meu coração bate pela revolução. O espetáculo da injustiça fez com que eu me enfileirasse entre os combatentes. O homem deve ajudar o homem. Sou pela liberdade. Acredito na humanidade. E sou a favor das medidas tomadas pelo Partido Comunista, que luta contra a exploração, a ignorância e pela sociedade sem classes.

Os TRÊS AGITADORES — Nós viemos de Moscou.

O JOVEM CAMARADA — Esperávamos por vocês.

Os TRÊS AGITADORES — Por quê?

O JOVEM CAMARADA — Não podemos prosseguir. Por todo lado há desordem e penúria, pouco pão e muita luta. Muitos estão cheios de coragem, mas poucos sabem ler. Há poucas máquinas e ninguém entende delas. Nossas locomotivas estão quebradas. Vocês trouxeram locomotivas?

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Vocês trouxeram tratores?

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Nossos camponeses ainda se atrelam a si mesmos diante dos velhos arados de madeira. E nada temos para semear em nossos campos. Vocês trouxeram sementes?

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Vocês trouxeram ao menos munição e metralhadoras?

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Aqui somos dois em defesa da revolução. Então certamente trouxeram uma carta do comitê central com instruções sobre o que devemos fazer.

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Então vocês mesmos querem nos ajudar?

Os TRÊS AGITADORES — Não.

O JOVEM CAMARADA — Não trocamos de roupa dia e noite, lutando contra as investidas da fome, da decadência e da contra-revolução. E vocês não nos trazem nada.

Os TRÊS AGITADORES — Assim é: nada lhes trazemos. Mas, atravessando a fronteira para Mukden, levamos aos operários chineses os ensinamentos dos clássicos e dos propagandistas: o ABC do comunismo. Levamos aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação; aos oprimidos, a consciência de classe; e aos conscientizados, a experiência da revolução. De vocês, no entanto, devemos solicitar um automóvel e um guia.

O JOVEM CAMARADA — Então fiz uma pergunta imprópria?

Os TRÊS AGITADORES — Não. A uma boa pergunta segue-se uma resposta ainda melhor. Estamos vendo que de vocês já foi exigido o máximo, mas se exigirá ainda mais; um de vocês dois deverá nos guiar até Mukden.

O JOVEM CAMARADA — Neste caso, deixo meu posto já extremamente difícil para dois e para o qual um apenas deve bastar agora. Irei com vocês. Marchando em frente, difundindo os ensinamentos dos clássicos comunistas: a revolução mundial.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO À URSS

Já o mundo comentava
Nosso declínio,
Mas à nossa mesa parca
Ainda se sentava a esperança
De todos os oprimidos
Que se contenta com água.
E atrás da porta ruínosa
O saber ensinava

Os hóspedes com voz clara.
Quando a porta tiver ruído
Continuaremos sentados apenas mais visíveis:
Aqueles a quem nem a geada nem a fome dizimam,
Incansavelmente deliberando
Sobre os destinos do mundo.

Os QUATRO AGITADORES — Assim o jovem camarada da fronteira estava de acordo com a nossa maneira de trabalhar e nós fomos, quatro homens e uma mulher, falar com o diretor da Casa do Partido.

2

A ANULAÇÃO

Os QUATRO AGITADORES — Mas o trabalho em Mukden era ilegal, por isso precisamos, antes de atravessar a fronteira, anular nossos rostos. Nosso jovem camarada estava de acordo com isso. Repetimos o acontecimento.

Um dos agitadores representa o diretor da Casa do Partido.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Eu sou o diretor da última Casa do Partido. Estou de acordo que o camarada do meu posto acompanhe vocês como guia. Mas há agitações nas fábricas de Mukden, e nesses dias o mundo inteiro está voltado para essa cidade, para ver se um de nós frequenta as cabanas dos operários chineses. E ouvi dizer que nos rios há canhoneiras ancoradas, e comboios blindados se encontram estacionados nas ferrovias prontos para atacar-nos imediatamente, caso um de nós seja avistado. Determino, portanto, que os camaradas atravessem a fronteira como chineses. *Para os agitadores:* Vocês não devem ser vistos.

Os DOIS AGITADORES — Não seremos vistos.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Se um de vocês for ferido, não deve ser encontrado.

Os DOIS AGITADORES — Não será encontrado.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Então vocês estão prontos para morrer e esconder o morto?

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Agora vocês não são mais vocês mesmos. Você não é mais Karl Schmitt, de Berlim, você não é mais Anna Kjersk, de Casan, e você não é mais Peter Sawitsch, de Moscou. Vocês não têm nome, nem mãe, são folhas em branco sobre as quais a revolução escreve as suas instruções.

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO *dá-lhes as máscaras e eles as colocam* — A partir deste momento vocês não são mais ninguém, a partir deste momento, e talvez até o seu desaparecimento, vocês são operários desconhecidos, combatentes, chineses, nascidos de mães chinesas, pele amarela, falando apenas chinês, no sono e no delírio.

Os DOIS AGITADORES — Sim.

O DIRETOR DA CASA DO PARTIDO — Pelo interesse do comunismo, pelo avanço das massas proletárias de todos os países, afirmando a revolução mundial.

Os DOIS AGITADORES — Sim. Também o jovem camarada disse sim. Desta forma ele se mostrou de acordo com a anulação de seu rosto.

O CORO DE CONTROLE — Quem luta pelo comunismo
Deve saber lutar e não lutar;
Dizer a verdade e não dizer a verdade;
Prestar serviços e negar-se a prestar serviços;
Cumprir promessas e não cumprir promessas;
Enfrentar o perigo e evitar o perigo;
Identificar-se e não ser identificado.
Quem luta pelo comunismo

Só possui uma única virtude:
Lutar pelo comunismo.

OS QUATRO AGITADORES — Fomos como chineses para Mukden, quatro homens e uma mulher.

O JOVEM CAMARADA — Fazer propaganda e apoiar os trabalhadores chineses com os ensinamentos dos clássicos e dos propagandistas: o ABC do comunismo. Levar aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação; aos oprimidos, a consciência de classe; e aos conscientizados, a experiência da revolução.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO AO TRABALHO ILEGAL

É belo
Tomar a palavra em prol da luta de classes,
Conclamar as massas para a luta,
Pisar os opressores, libertar os oprimidos.
Árdua e necessária é a labuta cotidiana;
Atar no sigilo e com pertinácia
A rede do Partido diante dos
Canos dos fuzis dos empresários:
Falar, porém
Ocultando o falante.
Vencer, porém
Ocultando o vencedor.
Morrer, porém
Ocultando a morte.
Quem não faria muito pela glória, mas quem
O faz pelo silêncio?
O pobre convida à sua mesa a honra
Da cabana apertada, e em ruínas surge
Irreprimível a grandeza.
E a glória pergunta em vão

Pelos autores do grande feito.

Adiantem-se
Por um momento,
Desconhecidos, de rosto velado, e recebam
A nossa gratidão!

OS QUATRO AGITADORES — Na cidade de Mukden, ajudamos os camaradas chineses e fizemos propaganda entre os operários. Não tínhamos pão para os famintos. Apenas saber para os ignorantes. Por isso falamos da origem da miséria. Não erradicamos a miséria mas falamos da erradicação de sua origem.

3

A PEDRA

OS QUATROS AGITADORES — Primeiro fomos para a cidade baixa. Ali, os cules puxavam uma canoa pela corda na margem do rio. Mas o chão era escorregadio. Quando um deles escorregou e o inspetor bateu nele, dissemos ao jovem camarada: Siga-os e faça propaganda entre eles. Diga-lhes que você viu sapatos para puxadores de canos em Tientsin, com travas de madeira para não escorregar. Procure fazer com que eles exijam sapatos iguais a esses. Mas não tenha pena deles! E nós perguntamos: Você está de acordo? E ele estava de acordo e foi depressa, mas logo ficou penalizado. Mostramos como foi.

Dois agitadores representam cules, amarrando uma corda a uma estaca e fazendo passar a corda sobre os ombros. Um deles representa o jovem camarada e o outro, o inspetor.

O INSPETOR — Eu sou o inspetor. Devo levar o arroz até à noite para a cidade de Mukden.

OS DOIS CULES — Somos cules e puxamos a canoa com o arroz rio acima.

CANTO DOS PUXADORES DA CANOA
COM O ARROZ

Na cidade que fica rio acima
Há um bocado de arroz para nós,
Mas a canoa que deve subir o rio é pesada,
E a água corre rio abaixo.
Nunca chegaremos lá em cima.

Puxem mais rápido, as bocas
Esperam pela comida.
Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

O JOVEM CAMARADA — Triste é ouvir a beleza da canção
com que esses homens encobrem o tormento de seu tra-
balho.

O INSPETOR — Puxem mais rápido.

OS CULES — A noite se aproxima. O acampamento,
Pequeno demais até para a sombra de um cão,
Custa um bocado de arroz.
Não conseguimos avançar,
Porque a margem é muito escorregadia.

Puxem mais rápido, as bocas
Esperam pela comida.
Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

UM DOS CULES *escorrega* — Não posso continuar.

OS CULES, *enquanto são chicoteados, até que aquele que escor-
regou consiga levantar* — Mais do que nós.

Durará a corda que rasga nosso ombro.

O chicote do inspetor

Já resistiu a quatro gerações;

Não seremos a última.

Puxem mais rápido, as bocas
Esperam pela comida.
Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

O JOVEM CAMARADA — É difícil olhar para esses homens sem
se compadecer. *Para o inspetor*: Você não está vendo que
o chão escorrega demais?

O INSPETOR — O chão o quê?

O JOVEM CAMARADA — Escorrega demais!

O INSPETOR — O quê? Você está querendo dizer que a mar-
gem é escorregadia demais para que se possa puxar uma
canoa cheia de arroz?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

O INSPETOR — Então você acha que a cidade de Mukden não
precisa de arroz?

O JOVEM CAMARADA — Se os homens caem, eles não podem
puxar a canoa.

O INSPETOR — Quer que eu coloque uma pedra para cada
um daqui até a cidade de Mukden?

O JOVEM CAMARADA — Não sei o que você deve fazer, mas
sei o que eles devem. Precisam se defender. Não acre-
ditem que aquilo que durante dois mil anos foi impossí-
vel continuará impossível para sempre. Em Tientsin vi
sapatos para puxadores de canoas, com travas de madeira
para não escorregar.

Lá eles conseguiram esses sapatos fazendo uma reivindi-
cação coletiva. Portanto exijam sapatos iguais a esses!

OS CULES — Na verdade, não podemos mais puxar essa canoa
sem sapatos iguais a esses.

O INSPETOR — Mas o arroz tem que chegar à cidade ainda
hoje à noite.

Ele os chicoteia, eles puxam.

OS CULES — Nossos pais puxavam a canoa rio acima
Desde a embocadura.

Nossos filhos chegarão até a nascente;

Nós estamos no meio.

Puxem mais rápido, as bocas
Esperam pela comida.

Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

O cule cai novamente.

O CULE — Me ajudem!

O JOVEM CAMARADA *para o inspetor* — Você não é um ser humano?

Vou pegar uma pedra e colocá-la na lama — *para o cule* — e agora pise!

O INSPETOR — Certo. De que nos adiantam sapatos de Tientsin? Prefiro deixar que o seu piedoso camarada nos acompanhe colocando uma pedra para aquele que escorregar.

Os CULES — Na canoa há arroz. O camponês que fez a colheita recebeu um punhado de moedas. Nós recebemos menos ainda. Um boi sairia mais caro. Somos muitos.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra e o cule se levanta.

Puxem mais rápido. As bocas
Esperam pela comida.
Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

Quando o arroz chegar à cidade
E as crianças perguntarem
Quem puxou a canoa pesada, dirão:
Ela foi puxada.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra, o cule se levanta.

Puxem mais rápido. As bocas
Esperam pela comida.

Puxem compassadamente. Não empurrem
O companheiro ao lado.

A comida vem lá debaixo
Para os que a comerão lá em cima.
Aqueles que a trazem
Não comeram.

Um dos cules escorrega, o jovem camarada coloca a pedra, o cule se levanta.

O JOVEM CAMARADA — Não agüento mais. Vocês têm que exigir outros sapatos.

O CULE — É um idiota digno de riso.

O INSPETOR — Não, é um daqueles que agitam nossa gente. Ei, peguem-no!

Os QUATRO AGITADORES — E ele foi logo identificado! Perseguram-no durante dois dias até que nos encontrou. Nós fomos perseguidos com ele durante uma semana na cidade de Mukden e não pudemos mais pôr os pés na cidade baixa.

DISCUSSÃO

O CORO DE CONTROLE — Mas não é correto apoiar o fraco
Onde quer que se encontre? Ajudar
O explorado, no seu sofrimento cotidiano?

Os QUATRO AGITADORES — Ele não o ajudou e acabou nos impedindo de fazer propaganda na cidade baixa.

O CORO DE CONTROLE — Estamos de acordo.

Os QUATRO AGITADORES — O jovem camarada reconheceu que separara o sentimento da razão. Mas nós o consolamos citando-lhe as palavras do camarada Lênin.

O CORO DE CONTROLE — Sábio não é quem não comete erros, Sábio é quem sabe corrigi-los imediatamente.

A PEQUENA E A GRANDE INJUSTIÇA

OS QUATRO AGITADORES — Fundamos as primeiras células nas fábricas e formamos os primeiros quadros, organizamos uma escola do Partido e lhes ensinamos a produzir clandestinamente a literatura proibida. Depois conseguimos ter influência nas fábricas têxteis e quando o salário foi reduzido, uma parte dos operários entrou em greve. Mas como a outra parte continuou trabalhando, a greve ficou ameaçada. Dissemos ao jovem camarada: fique no portão da fábrica e distribua os panfletos. Ele estava de acordo. Repetimos a conversa.

OS TRÊS AGITADORES — Você falhou junto aos puxadores da canoa de arroz.

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Você aprendeu alguma coisa com isso?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Você vai se comportar melhor na distribuição dos panfletos?

O JOVEM CAMARADA — Sim.

OS TRÊS AGITADORES — Mostramos agora o comportamento do jovem camarada na distribuição dos panfletos.

Dois agitadores representam trabalhadores têxteis e o outro, um policial.

OS DOIS OPERÁRIOS TÊXTEIS — Nós somos operários na fábrica de tecidos.

O POLICIAL — Eu sou policial e recebo meu pão dos dominadores para reprimir a insatisfação.

O CORO DE CONTROLE — Venha, camarada! Arrisque
O centavo, que já não é mais centavo,
A cama debaixo da goteira

E o emprego que perderá amanhã!
Saia para a rua! Lute!
É tarde demais para esperar!
Ajude a si mesmo, ajudando a nós:
Pratique a solidariedade.

O JOVEM CAMARADA — Arrisque o que tem, camarada!
Você não tem nada.

O CORO DE CONTROLE — Venha camarada, enfrente os fuzis
E exija o seu salário!
Quando você souber que nada tem a perder,
Os policiais deles não terão armas o bastante!
Saia para a rua! Lute!
É tarde demais para esperar!
Ajude a si mesmo, ajudando a nós:
Pratique a solidariedade.

OS DOIS OPERÁRIOS TÊXTEIS — De manhã cedo vamos à fábrica.
Nossos salários foram reduzidos. Não sabemos o que fazer e continuamos a trabalhar.

O JOVEM CAMARADA *entrega um panfleto para um deles, o outro permanece parado ao seu lado* — Leia e passe adiante. Quando tiver lido, vai saber o que fazer.

O primeiro pega o panfleto e segue o seu caminho.

O POLICIAL *tira o panfleto do primeiro* — Quem lhe deu esse panfleto?

O PRIMEIRO — Não sei, alguém me deu quando eu vinha passando.

O POLICIAL *se aproxima do segundo* — Foi você quem deu o panfleto para ele. Nós da polícia procuramos aqueles que distribuem panfletos como este.

O SEGUNDO — Não dei panfletos para ninguém.

O JOVEM CAMARADA — É crime instruir os ignorantes sobre a sua situação?

- POLICIAL — Os ensinamentos de vocês levam a coisas terríveis. Se vocês doutrinarem uma fábrica como essa, ela não mais reconhecerá nem o seu próprio dono. Esse pequeno panfleto é mais perigoso do que dez canhões.
- JOVEM CAMARADA — O que está escrito aí?
- POLICIAL — Isso eu não sei. *Para o segundo*: O que está escrito aí?
- SEGUNDO — Não conheço o panfleto. Não fui eu quem o distribuiu.
- JOVEM CAMARADA — Eu sei que não foi ele.
- POLICIAL *para o jovem camarada* — Foi você quem deu o panfleto para ele?
- JOVEM CAMARADA — Não.
- POLICIAL *para o segundo* — Então foi você.
- JOVEM CAMARADA *para o primeiro* — O que vai acontecer com ele?
- PRIMEIRO — Ele pode ser preso.
- JOVEM CAMARADA — Por que você quer que ele seja preso? Você não é proletário também, seu guarda?
- POLICIAL *para o segundo* — Venha comigo. *Bate-lhe na cabeça.*
- JOVEM CAMARADA *impedindo-o* — Não foi ele.
- POLICIAL — Então foi você mesmo!
- SEGUNDO — Não foi ele.
- POLICIAL — Então foram vocês dois.
- PRIMEIRO — Corre, homem, corre. Você está com o bolso cheio de panfletos.
- O policial derruba o segundo.*
- JOVEM CAMARADA *aponta para o policial, falando para o primeiro* — Ele acaba de abater um inocente, você é testemunha.

○ PRIMEIRO *agride o policial* — Seu cachorro vendido!

O policial puxa o revólver.

○ JOVEM CAMARADA *grita* — Socorro! Camaradas! Socorro! Estão matando inocentes!

O jovem camarada agarra o pescoço do policial por trás. O primeiro operário curva lentamente o seu braço para trás. O tiro dispara, o policial é desarmado e abatido.

○ SEGUNDO OPERÁRIO, *levantando-se para o primeiro* — Matamos um policial e não podemos mais ir à fábrica. *Para o jovem camarada*: E você é o culpado.

Os QUATRO AGITADORES — E ele teve que se pôr a salvo em vez de distribuir panfletos, pois o policiamento foi forçado.

DISCUSSÃO

○ CORO DE CONTROLE — Mas não é correto evitar a injustiça onde quer que ocorra?

Os QUATRO AGITADORES — Ele evitou uma pequena injustiça, mas a grande injustiça, o furo da greve, continuou.

○ CORO DE CONTROLE — Nós estamos de acordo.

5

○ QUE É UM HOMEM, AFINAL?

Os QUATRO AGITADORES — Lutávamos diariamente contra as antigas associações, a desesperança e a submissão; ensinávamos os operários a transformar a luta por melhores salários em luta pelo poder. Ensinávamos o uso de armas e a arte de fazer manifestações. Depois ouvimos que os comerciantes estavam brigando com os ingleses, que do-

minavam a cidade por meio da alfândega. Para tirar proveito da briga entre os dominadores em favor dos dominados, enviamos o jovem camarada com uma carta para o comerciante mais rico. Nela estava escrito: Armem os cules! Dissemos ao jovem camarada: Comporte-se de forma a conseguir as armas. Mas quando a comida chegou à mesa, ele não soube calar. Mostramos como foi.

Um agitador como comerciante.

- COMERCIANTE — Eu sou o comerciante. Estou aguardando uma carta da associação dos cules sobre uma ação conjunta contra os ingleses.
- JOVEM CAMARADA — Aqui está a carta da associação dos cules.
- COMERCIANTE — Está convidado a almoçar comigo.
- JOVEM CAMARADA — É uma honra almoçar com o senhor.
- COMERCIANTE — Enquanto a comida é preparada, quero dizer-lhe minha opinião sobre os cules. Por favor, sente-se aqui.
- JOVEM CAMARADA — Estou muito interessado em sua opinião.
- COMERCIANTE — Por que recebo tudo mais barato do que qualquer outro? E por que um cule trabalha para mim quase de graça?
- JOVEM CAMARADA — Não sei.
- COMERCIANTE — Porque sou um homem esperto. Vocês também são espertos porque sabem como receber salários dos cules.
- JOVEM CAMARADA — Nós sabemos — aliás, o senhor vai armar os cules contra os ingleses?
- COMERCIANTE — Talvez, talvez. Sei como tratar com um cule. Deve dar-lhe arroz o bastante para que não morra, senão como é que ele vai trabalhar para você? Está certo?
- JOVEM CAMARADA — Sim, está certo.

- COMERCIANTE — Pois eu digo: não. Se os cules são mais baratos do que o arroz, então posso arranjar um novo cule. Isto não está mais certo ainda?
- JOVEM CAMARADA — Sim, está mais certo ainda. Aliás, quando o senhor vai enviar as primeiras armas para a cidade baixa?
- COMERCIANTE — Logo, logo. Você deveria ver como os cules, que carregam o meu couro, compram meu arroz na cantina.
- JOVEM CAMARADA — Eu deveria ver.
- COMERCIANTE — O que você acha, estou pagando muito pelo trabalho?
- JOVEM CAMARADA — Não, mas o seu arroz é caro e o trabalho deve ser bom, mas o seu arroz é ruim.
- COMERCIANTE — Vocês são pessoas espertas.
- JOVEM CAMARADA — E quando o senhor vai armar os cules contra os ingleses?
- COMERCIANTE — Depois de comer podemos visitar os depósitos de armas. Agora vou cantar para você a minha canção predileta.

CANÇÃO DA MERCADORIA

Tem arroz lá, rio abaixo.
Nas províncias rio acima as pessoas precisam de arroz.
Se deixarmos o arroz nos depósitos,
O arroz ficará mais caro para elas.
Aqueles que puxam a canoa receberão ainda menos arroz,
Então o arroz ficará ainda mais barato para mim.
O que é o arroz, afinal?
E eu lá sei o que é o arroz?
E eu lá sei, quem sabe disso?
Não sei o que é o arroz,
Eu só conheço o seu preço.

Chega o inverno, as pessoas precisam de roupa.
Então é preciso comprar algodão
E não liberar o algodão.
Quando chega o frio, as roupas ficam mais caras.
As fiações pagam salários altos demais.
O problema é que existe algodão demais.
O que é o algodão, afinal?
E eu lá sei o que é o algodão?
E eu lá sei, quem sabe disso?
Não sei o que é o algodão,
Eu só conheço o seu preço.

O homem precisa de muita razão,
Com isso o homem fica mais caro.
Para arrumar razão, precisa-se de homens.
Os cozinheiros tornam a comida mais barata, mas
Aqueles que comem a tornam mais cara.
O problema é que existem homens de menos.
O que é um homem, afinal?
E eu lá sei o que é um homem?
E eu lá sei, quem sabe disso?
Não sei o que é um homem,
Eu só conheço o seu preço.

Para o jovem camarada: E agora vamos comer o meu arroz de boa qualidade.

- O JOVEM CAMARADA *levanta-se* — Não posso comer com o senhor.
- OS QUATRO AGITADORES — Foi o que ele disse e não houve zombaria nem ameaça que o levassem a comer com aquele a quem desprezava; e o comerciante o expulsou e os cules não foram armados.

DISCUSSÃO

- O CORO DE CONTROLE — Mas não é correto colocar a honra acima de tudo?

OS QUATRO AGITADORES — Não.

O CORO DE CONTROLE

TRANSFORME O MUNDO: ELE PRECISA DISSO

Com quem o justo não sentaria
Para promover a justiça?
Que remédio é tão ruim
Para quem está moribundo?
Que baixeza você não cometeria
Para extirpar a baixeza?
Se você, finalmente, pudesse transformar o mundo,
Para que se julgaria bom demais?
Quem é você?
Afunde na sujeira,
Abraça o carnicero, mas
Transforme o mundo: ele precisa disso!
Continuem a narrar!
Há muito já não os escutam como juizes,
Mas desde já como aprendizes.

- OS QUATRO AGITADORES — Mal chegou à escadaria, o jovem camarada reconheceu o seu erro. Nos disse que poderíamos mandá-lo de volta através da fronteira. Vimos claramente a sua fraqueza, mas precisávamos dele, pois tinha muitos adeptos entre os desempregados, e ele nos ajudou muito, nesses dias, a tecer a rede do Partido, diante dos canos dos fuzis dos empresários.

6

A TRAIÇÃO

- OS QUATRO AGITADORES — Naquela semana as perseguições aumentaram consideravelmente. Tínhamos apenas um quarto secreto para a máquina impressora e os panfletos. Mas certa manhã houve distúrbios por causa da fome

na cidade, e também da planície chegaram notícias sobre revoltas violentas. Na noite do terceiro dia, tendo alcançado nosso esconderijo debaixo de perigo, encontramos na porta o jovem camarada. E havia sacos diante da casa, na chuva. Repetimos a conversa.

- Os TRÊS AGITADORES — Que sacos são esses?
- O JOVEM CAMARADA — É nosso material de propaganda.
- Os TRÊS AGITADORES — E o que se fará?
- O JOVEM CAMARADA — Devo comunicar-lhes algo: entre os desempregados reina grande agitação. O novo líder dos desempregados da cidade alta veio hoje aqui e me convenceu a dar início imediatamente à ação. Devemos distribuir os panfletos e, como final da revolta, ocupar a Câmara Municipal. Ele sabe com segurança que a Câmara Municipal está sem policiamento. Desta forma bastam uns poucos homens para ocupá-la. E quando a Câmara Municipal estiver em nosso poder, as massas verão que o governo está fraco. Ele disse que a revolta será possível hoje à noite, e eu acredito nele.
- Os TRÊS AGITADORES — Então diga-nos as razões pelas quais a revolta é possível.
- O JOVEM CAMARADA — A miséria aumenta, e a desordem cresce na cidade.
- Os TRÊS AGITADORES — Os ignorantes começam a reconhecer a sua situação.
- O JOVEM CAMARADA — Os desempregados aceitaram a nossa instrução.
- Os TRÊS AGITADORES — Os oprimidos adquirem consciência de classe.
- O JOVEM CAMARADA — O novo líder dos desempregados é um verdadeiro socialista. Ele não conhece limites às suas exigências revolucionárias, e o poder de seu discurso é arrebatador.
- O PRIMEIRO AGITADOR — Ele tem uma cicatriz embaixo da orelha direita?

- O JOVEM CAMARADA — Então, vocês o conhecem?
- O PRIMEIRO AGITADOR — Eu o conheço. Ele é agente dos comerciantes.
- O JOVEM CAMARADA — Não acredito nisso.
- Os TRÊS AGITADORES — No caminho para cá vimos soldados com canhões dirigindo-se à Câmara Municipal. A Câmara Municipal é uma cilada, e o novo líder dos desempregados é um provocador.
- O JOVEM CAMARADA — Não, ele é um desempregado e sente com os desempregados. Os desempregados não podem mais esperar, e eu também não posso mais esperar. Há miseráveis demais.
- Os TRÊS AGITADORES — Mas ainda há poucos combatentes.
- O JOVEM CAMARADA — Seus sofrimentos são incomensuráveis.
- Os TRÊS AGITADORES — Não basta sofrer.
- O JOVEM CAMARADA — Eles sabem: a infelicidade não se alastra a lepra no peito; a pobreza não cai dos telhados como a telha; infelicidade e pobreza são obra do homem; a indignação é cozida para eles, mas seus lamentos lhes servem de refeição. Eles sabem de tudo.
- Os TRÊS AGITADORES — Eles sabem quantos regimentos o governo tem?
- O JOVEM CAMARADA — Não.
- Os TRÊS AGITADORES — Então sabem muito pouco. Onde estão as armas de vocês?
- O JOVEM CAMARADA *mostra as mãos* — Vamos lutar com unhas e dentes.
- Os TRÊS AGITADORES — Isso não basta. Você vê apenas a miséria dos desempregados e não a miséria dos trabalhadores. Você vê apenas a cidade e não os camponeses na planície. Você vê os soldados apenas como opressores e não como opressores miseráveis de uniforme. Vá, portanto, até os desempregados, desmascarar o agente dos

comerciantes e o seu conselho de invadir a Câmara Municipal e convença-os a participar, hoje à noite, da manifestação dos trabalhadores das fábricas. Nós procuraremos convencer os soldados insatisfeitos, reunidos em volta da Câmara Municipal, a participar conosco, uniformizados, da manifestação.

- JOVEM CAMARADA — Lembrei aos desempregados quantas vezes os soldados atiraram neles. E agora tenho que dizer-lhes que devem participar de uma manifestação junto com os assassinos?
- OS TRÊS AGITADORES — Sim, porque os soldados podem reconhecer que estava errado atirar em miseráveis da sua própria classe. Lembre-se do conselho do camarada Lênin de que não se devem considerar todos os camponeses como inimigos de classe, mas sim conquistar a miséria do campo como aliada.
- JOVEM CAMARADA — Então eu pergunto: os clássicos toleram que a miséria espere?
- OS TRÊS AGITADORES — Eles falam de métodos que abrangem a miséria em toda a sua dimensão.
- JOVEM CAMARADA — Então os clássicos não são a favor de que se dê ajuda imediata a todo miserável?
- OS TRÊS AGITADORES — Não.
- JOVEM CAMARADA — Então os clássicos são uma merda e eu os rasgarei; pois o homem, como ser vivo, berra, e a sua miséria rompe todos os diques do ensinamento. Por isso darei início agora à ação, agora e já, pois eu berro e rompo os diques do ensinamento.

Ele rasga os escritos.

- OS TRÊS AGITADORES — Não os rasgue! Precisamos deles, De cada um deles. Veja a realidade! A sua revolução é feita rapidamente E dura apenas um dia, Amanhã estará sufocada.

A nossa revolução começa amanhã.
Vence e transforma o mundo.
A sua revolução acaba quando você acaba.
Quando você tiver acabado,
A nossa revolução continuará.

- JOVEM CAMARADA — Ouçam o que estou dizendo: vejo com os meus dois olhos que a miséria não pode esperar. Por isso me oponho à sua decisão de esperar. Ainda hoje à noite vou ocupar a Câmara Municipal à frente dos desempregados.
- OS TRÊS AGITADORES — Sabemos que a Câmara Municipal está repleta de soldados. Mas ainda que não estivesse policiada, de que nos adiantaria a Câmara se as estações de trem, as estações telegráficas e os quartéis estão nas mãos do governo? Você não nos convenceu. Vá, portanto, até os desempregados e convença-os de que não podem atacar sozinhos. Exigimos isso de você agora em nome do Partido.
- JOVEM CAMARADA — Mas quem é o Partido?
Ele está sentado em uma casa com telefones?
Seus pensamentos são secretos, suas decisões desconhecidas?
Quem é ele?
- OS TRÊS AGITADORES — Nós somos ele.
Você e eu e vocês — nós todos.
Ele está na sua vestimenta, camarada, e pensa com a sua cabeça. Onde eu moro, é a sua casa, e onde você é atacado ele luta.
Mostre-nos o caminho que devemos percorrer
E o percorreremos com você, mas
Não percorra sem nós o caminho correto,
Sem nós ele seria
O mais errado.
Não se separe de nós!
Podemos estar errados e você ter razão, portanto
Não se separe de nós!

Que o caminho mais curto é melhor do que o mais longo
Ninguém nega
Mas se alguém o conhece
E não é capaz de mostrá-lo a nós, de que nos adianta a
sua
Sabedoria?
Esteja sabiamente conosco!
Não se separe de nós!

O JOVEM CAMARADA — Porque tenho razão, não posso ceder.
Vejo com os meus dois olhos que a miséria não pode
esperar.

O CORO DE CONTROLE

ELOGIO AO PARTIDO

O indivíduo tem dois olhos,
O Partido tem milhares de olhos.
O Partido vê sete países
O indivíduo vê uma cidade.
O indivíduo tem a sua hora,
Mas o Partido tem muitas horas.
O indivíduo pode ser aniquilado,
Mas o Partido não pode ser aniquilado,
Pois ele é a tropa avançada das massas
E lidera a sua luta
Com os métodos dos clássicos, que foram criados
A partir do conhecimento da realidade.

O JOVEM CAMARADA — Tudo isso não vale mais; em vista
da luta, nego tudo o que ainda ontem era válido. E faço
apenas o que é humano. Aqui está a ação. Assumo a sua
liderança.

Meu coração bate pela revolução. Ela está aqui.

OS TRÊS AGITADORES — Cale-se!

O JOVEM CAMARADA — Aqui há opressão. Sou a favor da li-
berdade!

OS TRÊS AGITADORES — Cale-se! Você está nos expondo.

O JOVEM CAMARADA — Não posso calar-me, porque estou
com a razão.

OS TRÊS AGITADORES — Esteja ou não com a razão — se você
falar, estamos perdidos! — Cale-se!

O JOVEM CAMARADA — Já vi demais.
Não me calarei por mais tempo.
Por que calar-me ainda?
Se eles não sabem que têm amigos,
Como se levantarão?
Por isso coloco-me à sua frente,
Como aquele que sou e diz o que é.

Ele tira a máscara e grita:

Vimos ajudá-los,
Vimos de Moscou.

Ele rasga a máscara.

OS QUATRO AGITADORES — E olhamos, e no crepúsculo
Vimos seu rosto desvelado,
Humano, aberto e sincero. Ele havia
Rasgado a máscara.
E das casas
Os oprimidos gritavam: Quem
Incomoda o sono daqueles que estão exaustos?
E uma janela se abriu, e uma voz gritou:
Aqui há elementos estranhos! Peguem os provocadores!
Assim fomos descobertos!
E já ouvimos os canhões
No centro da cidade, e os ignorantes falavam:
Agora ou nunca! E os desarmados gritavam:
Saíam de suas casas!
Mas ele não parava de berrar

Em plena rua,
E o abatemos,
O erguemos e deixamos rapidamente a cidade.

7

A FUGA

O CORO DE CONTROLE — Eles deixaram a cidade!
A desordem cresce na cidade,
Mas a liderança bate em retirada atravessando os limites
da cidade!
A sua decisão!

Os QUATRO AGITADORES — Esperem!
É fácil saber o que é certo
Longe do tiro,
Quando se tem meses à disposição,
Mas nós
Tínhamos cinco minutos e
Refletimos diante dos canos dos fuzis.

Quando em nossa fuga chegamos perto das minas de cal fora da cidade, ouvimos nossos perseguidores em nosso encalço. Nosso jovem camarada ouviu, ao acordar, o trovejar dos canhões, que vinha da direção da Câmara Municipal. Reconheceu o que fizera e disse: nossa causa está perdida. E nós dissemos: nossa causa não está perdida. Mas ele foi reconhecido e não pode escapar. E nos rios há canhoieras ancoradas, e comboios blindados se encontram estacionados nas ferrovias, prontos para atacar-nos imediatamente, caso um de nós seja avistado. Ele não pode ser visto.

O CORO DE CONTROLE — Se nos encontrarem, seja onde for,
Saberão: os poderosos
Devem ser aniquilados!
E os canhões dispararão.

Onde quer que o faminto
Gema e se revolte,
Seus carrascos gritam:
Nós lhe pagamos
Para que gema e se revolte.

Está escrito em nossa testa
Que somos contra a exploração.
Está escrito em nosso mandato de captura:
São a favor dos oprimidos!
Quem ajuda aos desesperados
É considerado como a escória do mundo,
Nós somos a escória do mundo,
Não podemos ser vistos.

O CORO DE CONTROLE — A sua decisão!

8

A DECISÃO

Os QUATRO AGITADORES — Nós decidimos:
Então, ele tem que desaparecer, completamente.
Pois nós precisamos voltar ao nosso trabalho
E não podemos levá-lo nem deixá-lo aqui.
Portanto temos que matá-lo e jogá-lo na mina de cal,
Pois a cal o queimará.

O CORO DE CONTROLE — Não encontraram outra saída?

Os QUATRO AGITADORES — Como o tempo era pouco, não encontramos outra saída.
Assim como o animal ajuda o animal,
Também nós desejávamos ajudá-lo, àquele que
Lutara conosco pela nossa causa.
Distante cinco minutos dos perseguidores
Pensamos numa
Alternativa melhor.

Também vocês agora estão pensando
Numa alternativa melhor.

Pausa.

Portanto decidimos separar
Agora o nosso próprio pé do corpo.
É terrível matar.
Mas não somente os outros, também nos mataríamos,
caso fosse necessário,
Já que só com violência é possível transformar
Esse mundo assassino,
Como sabe todo ser vivo.
Ainda não nos foi dado, dissemos,
Não matar. Unicamente
Pela vontade inabalável de transformar o mundo é que
justificamos
A decisão.

- O CORO DE CONTROLE — Continuem contando. Podem estar certos
De nossa simpatia.
Não foi fácil fazer o que era correto,
Não foram vocês que pronunciaram a sua sentença,
mas sim
A realidade.
- OS QUATRO AGITADORES — Repetimos nossa última conversa.
- O PRIMEIRO AGITADOR — Vamos perguntar se ele está de acordo, pois foi um lutador corajoso.
- O SEGUNDO AGITADOR — Mas mesmo que não esteja de acordo, ele terá que desaparecer completamente.
- O PRIMEIRO AGITADOR *para o jovem camarada* — Se for capturado eles atirarão em você, e, como vão reconhecê-lo, nosso trabalho será descoberto. Portanto temos que atirar em você e jogá-lo na mina de cal para que a cal o queime. Mas perguntamos: você vê uma saída?
- O JOVEM CAMARADA — Não.

OS TRÊS AGITADORES — Então perguntamos: você está de acordo?

Pausa.

- O JOVEM CAMARADA — Sim. Vejo que sempre agi erradamente.
- OS TRÊS AGITADORES — Não sempre.
- O JOVEM CAMARADA — Eu que queria tanto ser útil, apenas trouxe prejuízo.
- OS TRÊS AGITADORES — Não apenas.
- O JOVEM CAMARADA — Mas agora seria melhor se eu não existisse.
- OS TRÊS AGITADORES — Sim. Quer fazê-lo sozinho?
- O JOVEM CAMARADA — Ajudem-me.
- OS TRÊS AGITADORES — Encoste a sua cabeça em nosso braço. Feche os olhos.
- O JOVEM CAMARADA *invisível* — Ele ainda disse: No interesse do comunismo,
De acordo com o avanço das massas proletárias
De todos os países,
Afirmando a revolução mundial.
- OS QUATRO AGITADORES — Então atiramos nele
E o jogamos na mina de cal.
E, quando a cal o havia engolido,
Voltamos ao nosso trabalho.
- O CORO DE CONTROLE — O seu trabalho foi bem-sucedido,
Vocês propagaram
Os ensinamentos dos clássicos,
O ABC do comunismo.
Aos ignorantes ensinamentos sobre a sua situação;
Aos oprimidos, a consciência de classe,
E aos conscientizados, a experiência da revolução.
E também lá a revolução está em marcha,
E as fileiras de combatentes estão organizadas também lá.
Estamos de acordo com vocês.

Seu relato nos mostra o quanto
É necessário para se transformar o mundo:
Raiva e pertinácia, saber e revolta,
Intervenção rápida, profunda ponderação,
Fria tolerância, infinita perseverança.
Compreensão da parte e compreensão do todo:
Só ensinados pela realidade é que podemos
Transformar a realidade.